

**UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE PÓS - GRADUAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIENCIA E MATEMÁTICA**



**O uso da Literatura de Cordel como texto auxiliar
no Ensino de Ciências
do Ensino Fundamental da Educação Básica: Uma
abordagem quantitativa**

WILSON SERAINE DA SILVA FILHO

**Orientador
Prof. Dr. RENATO PIRES DOS SANTOS**

CANOAS 2009

WILSON SERAINE DA SILVA FILHO



**O uso da Literatura de Cordel como texto auxiliar
no Ensino de Ciências
do Ensino Fundamental da Educação Básica: Uma
abordagem quantitativa**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da
Universidade Luterana do Brasil para a obtenção do título
de Mestre em Ensino de Ciência e Matemática.**

Orientador: Prof. Dr. Renato Pires dos Santos

Canoas 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva Filho, Wilson Seraine da
S581u O uso da literatura de cordel como texto auxiliar no ensino de ciências do ensino fundamental da educação básica: uma abordagem quantitativa / Wilson Seraine da Silva Filho. – Teresina, 2010.
88f.:il.

Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Luterana do Brasil – Canoas – 2009.

Orientador: Profº Dr. Renato Pires dos Santos

1. Cultura - Cordel 2. Rima – Ensino de Ciências I Título

CDD 398.232

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade mostrar aos professores de Ciências do Ensino Fundamental uma metodologia diferenciada de discutir as temáticas desta matéria. Usamos uma parte da cultura nordestina – a Literatura de Cordel - para auxiliar o texto prosaico dos livros didáticos. Para tanto, dividimos o trabalho em três capítulos, que chamamos, ilustrativamente, de cordéis: o primeiro cordel é uma revisão bibliográfica, em que fizemos uma crítica à prática docente e questionamos o não uso da cultura em sala de aula; logo discutimos o conceito de cultura à luz do pensamento dos poetas populares. Em seguida, fizemos uma pequena viagem pelo cordel, mostrando suas origens, métricas e a sua diversidade de títulos. Finalizamos o capítulo com um estudo sobre a rima. O segundo cordel descreve a metodologia empregada na pesquisa realizada em duas turmas da 7ª série do ensino fundamental de uma escola da rede privada de Teresina. O terceiro cordel é o resultado da pesquisa, a qual, para mostrar a validade da proposta sugerida, foi embasada no modelo quantitativo apresentado por Antonio Moreira.

Palavras-chave: Cultura – Cordel – Rima – Ensino de Ciências.

ABSTRACT

The present work intends to show the Science teachers of Ensino Fundamental (Elementary School) a different Methodology of discussing the issues of this subject. It has been used a part of the Brazilian Northeast culture – the Literature of Cordel – to help the prosaic texts of the didactic books. For this, the work was divided into three chapters which were illustratively called Cordéis: the first Cordel is a literature review in which a critique was made on the teaching practice and a questioning on the not using of culture in classrooms, so the concept of culture by the popular poets' thought was discussed, then a brief trip through Cordel was taken, showing its origins, metrical form and its diversity of themes. The chapter ends in a study about rhyme. The second Cordel describes the methodology employed in the research made in two groups of 7th Grade of Ensino Fundamental (Elementary School in Brazil) of a private school in Teresina. The third Cordel is the result of the research. The research , to show the validity of the suggested proposal, was based on the quantitative model presented by Antonio Moreira.

Keywords: Culture, Cordel, Rhyme, Sciences Teaching.

Dedicatória

Dedico este trabalho à turma lá de casa: D. Bia, Mateus Seraine, Ana Clara e Wilson Neto, pela paciência e tolerância por minha ausência aos domingos e feriados, durante estes dois últimos anos. Também dedico a minha mãe, Maria de Jesus, e a minha tia Maria de Lourdes (ambas em memória), pela oportunidade que me deram de estudar.

Dedico, de maneira especial, a todos os Poetas Populares, que, mesmo perante as maiores adversidade, mantêm-se fiéis a sua arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao criador de tudo e de todos.

Ao professor Renato Pires dos Santos, que reensinou um cavalo velho a trotar.

Ao poeta Pedro Costa, por me apresentar a beleza e a riqueza da cultura popular piauiense e nordestina.

Ao CEFET, na pessoa do seu gestor, Professor Santana pelo financiamento de um sonho.

Aos meus sócios, Paulo Machado, Coelho, Torres e Isbael, pela compreensão das ausências na nossa escola.

Aos meus colegas de trabalho, no colégio Diferencial, pelo apoio a mim desprendido, de forma especial a Silvana Virginia e Joana D´Arc.

Aos colegas professores, Nelson Costa e Assis Leite pelo inglesamento do resumo.

Aos professores de gramática Shirlei e Lucídio Torres pela revisão gramatical.

A meus alunos do CEFET, pelas aulas perdidas no período do mestrado.

Aos professores da Ulbra: Agontinho, Arno, Edson, Marlise, Patrícia, Cláudia e Tales, pelo conhecimento e amizade a nós compartilhados.

Ao Giovane, secretário do departamento do Mestrado, pela boa vontade de desenrolar nossos problemas e pela simpatia e amizade.

Ao professor da UFPI, Luis Carlos pelas discussões esclarecedoras.

Aos meus amigos do Mestrado do Piauí: Odimógenes, Nonato, Moreira, Bosco, Márcio, Geraldo, Luiz Gonzaga, Itamar, Kátia, Jeane, Simone, Adriana, Sofia, Áurea e Edenise.

Às minhas colegas do Mestrado da ULBRA: Aline e Daniela.

À Sabrina, pela ajuda na parte estatística do trabalho.

Ao Gilmar, pelos escaneamentos e transcrições das entrevistas.

À professora Vânia, que nos permitiu usar sua sala de aula como laboratório.

Aos professores doutores da banca da qualificação: Tales, Rossano e Maria Heloisa.

Aos meus pares e funcionários do Conselho Estadual de Educação.

Aos meus pares e funcionários do Conselho Municipal de Cultura.

Aos meus ex-pares e funcionários do Conselho Municipal de Educação.

Ao Professor José Pimentel, que me espantou da física e me colocou na educação.

Aos poetas populares que gentilmente concederam a entrevista para esta pesquisa.

A meus amigos da FM Cultura: Valdemar Neto, Ricardo Souza, Paulo Martins e ao ex-diretor da emissora, meu amigo Renato Basílio.

Aos meus amigos e amigas, que, de maneira direta ou indireta influenciaram este trabalho.

Finalmente agradeço também àqueles que não acreditavam que eu chegaria até o final do mestrado.

CORDEL DE ORIENTAÇÃO - SUMÁRIO

CORDEL DE ABERTURA – INTRODUÇÃO	11
CORDEL I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
1.1 O professor e a sala de aula – uma crítica à prática docente	15
1.2 Cultura	19
1.2.1 As controvérsias conceituais	19
1.2.2 A visão do poeta popular sobre cultura.....	24
1.2.2.1. Metodologia das entrevistas	24
1.2.2.2 Análise das entrevistas	25
1.3 O Cordel	28
1.3.1 De antigamente até hoje	28
1.3.2 A métrica	33
1.3.3 A diversidade de títulos	34
1.3.4 A rima	44
CORDEL II – METODOLOGIA DA PESQUISA	49
CORDEL III – RESULTADOS DA PESQUISA	54
3.1 Dados quantitativos	55
3.2 Dados qualitativos	57
CORDEL DE ENCERRAMENTO – CONCLUSÃO	60
REFERNCIAS	61
APENDICES	67
ANEXOS	74

Sabemos que a criança nasce com talento científico e matemático naturais, manifestados nas capacidades de observar, comparar, classificar, experimentar, interpretar acertos e erros, descobrir e muitos outros comportamentos. Cabe ao educador estimular essas capacidades.

Ubiratan D'Ambrósio

CORDEL DE ABERTURA (INTRODUÇÃO) – Versificado pelo Poeta Pedro Costa

Literatura em Cordel
Tem forma orientadora,
Pode ajudar o docente:
Professor e professora,
Partindo da afirmativa
Como socializadora.

Tem métodos e estatísticas,
Pedagógica de educar,
Conhecimento com arte
Para aluno captar
Todos os métodos teóricos
De aprender e ensinar.

De trinta anos para cá
O mundo rápido mudou,
A medicina evoluiu
Tecnologia avançou
E ainda existem docentes
Acham que o tempo parou.

Unânicos os pesquisadores
Quando dizem com postura
Afirmar que não se faz
Educação sem cultura
Em especialmente local
História e literatura.

Que é lida no dia-a-dia
Já está impregnada,
De geração a geração
Que vem sendo cultivada,
A contextualização
Deve ser mais abordada.

Com educação e cultura
Tornam as aulas criativas
Introduzem as mudanças
Nas formas definitivas,
Em todas as disciplinas
Superam as expectativas.

Mil novecentos e oitenta e oito
Tocante a Constituição
No artigo duzentos e dez
Segundo a legislação
Fixa o conteúdo mínimo
Assegura a formação.

No ensino fundamental
Rezam as formas especiais
Básicas, comuns e respeito,
Os valores nacionais
Como também artísticos
Regionais e locais.

A Lei de diretriz básica
De Educação Nacional
Ou seja, L D B
Na forma Constitucional
Afirma que a escola tem
Uma Missão Cultural.

Cada Sistema de Ensino
Estabelecimento Escolar,
Tem um currículo específico
De foro disciplinar
Ativo e contemporâneo
Para o aluno se situar.

Tornando elementos chaves
Para a articulação
De interesses e gostos
E de socialização
Desde aspectos históricos.
Cultura e educação.

O processo de aprendizagem
Pra melhor dinamizar
Usando a literatura
De cordel que é popular
Os versos com rima e métrica
Servem pra facilitar.

O professor e o aluno
Vão ter mais veracidade
O aluno vai aprender
E tem mais habilidade
A rima forma a harmonia
Os versos a ludicidade.

Essa palavra Cultura
Vem de origem latina
Ligada às atividades
Da família campestre
Que cultiva agricultura
Longe da vida granfina.

De antigamente até hoje
Livros de histórias matutas
Dos poetas cantadores
Nos versos formaram lutas
Romances e folhas de feira
Registram grandes disputas.

A história de João Grilo
Uma verdadeira invenção
De João Martins de Atayde
Conta as Proezas de João
Belo clássico do cordel
Merece admiração.

Foi lá na Península Ibérica
Que essa Cultura nasceu
Trazida para o Brasil
Pelo imigrante europeu
Literatura de massa
No Nordeste floresceu.

Fim do século dezenove
No interior nordestino
Hugulino Sabugi
E o poeta Silvino
Pirauá e Leandro
Deram ao cordel seu destino.

Leandro Gomes de Barros
A qual temos referência
Criou uma editora
Conduziu com competência
Escrevia e editava
Poeta com excelência.

Quando Olavo Bilac
Foi votado e escolhido
Como príncipe dos poetas
Esse título concedido
Não deram para Leandro
Só por não ser conhecido.

Carlos Drummond de Andrade
Num momento especial
Fez uma crônica a Leandro
E publicou no Jornal
Deveria ser o Príncipe
Poeta Fenomenal.

Entre poeta erudito
Cultura da burguesia
E um poeta sertanejo
Difere-se a poesia
A popular tem grandeza
A parnasiana orgia.

A popular sempre mostra
O bem estar social
Os cultos, crença e costumes,
O respeito e a moral
Cultura dos pés-no-chão
Um patrimônio cultural.

Dr. Joseph M. Luyter
Fez estudo dessa imagem
Que o cordel no Brasil
Tem ferramenta e vantagem
Cognitiva no processo
De ensino e aprendizagem.

No Estado do Piauí
Temos toda essa resposta
Chico do romance e Joames
Cunha Neto e Pedro Costa
Escrevem cordéis didáticos
Quem os ler aprende e gosta.

A biografia de cientistas
Famosos estão ilustrados
Com as capas dos folhetos
Dos poetas renomados
Grandes gênios criativos
Nasceram predestinados.

Os alunos em sala de aula
Tem essa forma agradável
Estudar as idéias de Einstein
De maneira responsável
Usando o texto em cordel
Tem um efeito incalculável.

O poeta cearense
Escreveu com propriedade
Ano mundial da física
Teoria e relatividade
Quem ler um folheto desse
Vai aprender de verdade.

O cordel proporciona
Estudiosos e leitores
Pela musicalidade
Alunos e professores
Os tópicos e as diversidades
A excelência dos autores.

Carlos Drummond elegeu
Com base na exposição
O cordelista é o maior
Poeta de expressão
Gênios de fácil vocábulo
Dignos de admiração.

Cordel tem rimas e versos
Do latim RYTHMUS, grafados;
Movimento regular
Com os seus significados
A revolução dos vocábulos
Em versos metrificados.

Para o cordel podemos
Chamar de rima exata
Que tem os sons semelhantes
Expressão de magnata
Harmonia nas palavras
Na história que retrata.

Os versos metrificados
Constroem a percepção
E a rima facilita
A sua concepção.
Nas paródias musicais,
Tem melhor conexão.

As rimas estão presentes
Nos versos em cada lugar
Nas propagandas e anúncios
De maneira singular
Até nos livros infantis
Nas cantigas de ninar.

Todos nós sem exceção
No tempo de criancinha
Quem não lembra de versinhos
Que eram escritos em quadrinha
“Atirei o pau no gato”
Ou “Ciranda cirandinha”.

Nas escolas, por exemplo,
Alunos fazem alusão
Às rimas pra decorar
Com melhor reflexão
Veja os versos seguintes
Do professor Pachecão.

Os dados podem fazer
A forma de transcrição
De entrevistas gravadas
Com alguma anotação
De campo em protocolo
Diário e observação.

Com esse aposte tomamos
Um posicionamento
Com as turmas “A” e “B”
Dentro de um planejamento
Aplicamos os textos em rimas
Foi grande o aproveitamento.

Realizamos a pesquisa
Numa escola particular
De ensino fundamental
Em um módulo regular
Escola de classe média
Como versar e rimar.

E tomamos como tema
O aparelho excretor
Assunto este pequeno
Porém, de grande valor.
Num estilo clássico e usado
Pelo vate cantor.

O método qualitativo
Pela quantificação
Tanto na modalidade
Coleta de informação
Como coeficiente
Análise de regressão.

Após cada estrofe lida
Sobre o assunto mostrado
Uma certa aluna pediu
Que no trabalho aplicado,
O estudante usasse
O texto versificado.

A professora aplicou
O texto com dez questões
Em versos pra turma “A”
Fazendo avaliações
A turma “B” outra forma
Sem vaziar informações.

Avaliando as notas
Depois do texto aplicado
Concluiu a professora
Que o tema trabalhado
Com a turma do cordel
Teve melhor resultado.

Em entrevista aos alunos,
Que pudessem nos dizer
O que acham do cordel?
Vieram nos responder
- É bastante interessante
E melhor de se aprender.

Vamos parar por aqui
Nossa apresentação
A cultura do cordel
É de fácil assimilação
Quem já leu esta cultura
Tem essa concepção.

CORDEL I - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA



É que os cordéis sempre são
Histórias bem trabalhadas,
Possuem linguagem fácil,
Estrofes sempre rimadas,
Versos sempre bem medidos,
Palavras cadenciadas.

Como disse Paulo Freire,
Um homem muito sabido:
Educação e cultura
Dão à vida mais sentido!
E educar é libertar
De uma vez o oprimido.

O bom leitor é aquele
Que lê um texto e entende;
Já disse Guimarães Rosa:
“Bom guerreiro não se rende.
Mestre não é quem ensina,
Mas quem de repente aprende”.
(ACOPIARA, 2003)

A aula que só repassa conhecimento ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento não sai do ponto de partida e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento. (DEMO, 2005)

1.1 O PROFESSOR E A SALA DE AULA – UMA CRÍTICA À PRÁTICA DOCENTE

Partindo da afirmativa de Demo, em seu livro *Educar pela Pesquisa*, iniciamos com um questionamento básico: Por que, apesar de termos em mãos tantos métodos e técnicas de práticas pedagógicas, os professores continuam insistindo em uma aula totalmente sknneriana, completamente desprovida de motivação, em que o professor é o sujeito do processo, e não o aluno, ou seja, uma aula que apenas repassa conhecimento? A atividade de ensino-aprendizagem em sala de aula parece ser uma das mais conservadoras atividades humanas. (MOREIRA, 1990), isto é,

Salvo raras exceções, a escola vem tentando promover a aquisição de conhecimento através de experiências, situações, vivências padronizadas, desinteressantes e pouco criativas, objetivando a transmissão de um conteúdo congelado, obsoleto, desligado de tudo o que povoa a imaginação de uma criança, e que a criança sabe que de nada lhe servirá, será inútil, na marcha para o futuro, seja como profissional, como cidadão, como indivíduo criativo. (D'AMBRÓSIO).

Percebe-se, assim, que, embora se tenham várias pesquisas e estudos acerca de métodos e técnicas de ensino, o professor continua insistindo numa aula tradicional. Hoje, no meio de tanta informação e tecnologia, não se justifica uma aula nestes moldes. Nesse sentido, não existe mais espaço para o que Freire (2005) definiu como aula bancária, adialógica. A aula copiada não constrói nada de distintivo e, por isso, não educa mais do que a fofoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate-papo numa festinha. (DEMO, 2005, p.07).

A educação não pode focalizar a mera transmissão de conteúdos absolutos, na sua maioria desinteressantes, inúteis e inconsequentes na construção de uma sociedade. (D'AMBRÓSIO, 2005, p. 45). Ainda D'Ambrósio (1987), “[...] ao professor é reservado o papel de dialogar, entender o novo junto com os alunos, e não o de mero transmissor do velho. O professor cuja atividade é transmitir o velho não tem mais espaço neste mundo que estamos a viver.” O

professor Celso Antunes, em seu livro *Professores e Professauros*, afirma, fazendo referência a este tipo de comportamento antiquado e ultrapassado do professor:

Mal entrou na sala e já foi tratando de deixar as coisas às claras:

- Vamos lá, pessoal. Uma carteira atrás da outra, bem enfileirada. Isso mesmo. Você aí, Henrique, não ouviu? Já escutou falar em “ordem unida?” É isso aí, todas enfileiradas, direitinho. Comigo não existe isso de carteiras bagunçadas, esparramadas de qualquer maneira pela sala. Muito bem, agora tratem de deixar sobre a carteira todo material que precisam usar em aula, mas somente o material que vai ser usado. Sem excesso e sem falta. Portanto, canetas de três cores diferentes, lápis, régua, borracha, caderno, livro. Beleza, pessoal. A aula não pode começar se as carteiras não estão organizadas. Cada coisa em seu lugar; estejam atentos porque vou percorrer carteiras, uma a uma, e fiscalizar tudo.

- Bem, turma. Agora que a classe já não mais está em bagunça e agora que as carteiras estão arrumadas como devem ser arrumadas, prestem atenção, a aula vai começar. Vou dividir a matéria em partes e explicar cada uma delas. Ouçam, pensem, reflitam e perguntem, pois assim que vocês terminarem de perguntar será a minha vez de interrogá-los, e aí dos que não souberem. Acertar não vale nota porque é obrigação de todo estudante, mas errar é prova de falta de atenção e para cada erro eu tiro um ponto. Se perder mais de três em uma aula só, exijo a presença do pai ou da mãe para me ajudar na educação. Não quero choradeira no final do ano. Fui claro?

Claríssimo. Não poderia ser maior a transparência dos recados. Tudo pronto para a aula começar...

Era assim que se pensava “aula” há trintas anos atrás. O professor era o centro do processo de ensino e o aluno apenas um receptor de saberes que, aula a aula, ia acumulando. Quem não acumulava o suficiente poderia ser corrigido com um castigo ou uma reprovação.

Pena que ainda existam aulas ministradas dessa forma.

Há trinta anos não havia o celular, os computadores não eram o que hoje são e uma simples viagem de São Paulo a Ubatuba não demorava menos que seis horas. Nesses trinta anos o mundo mudou, a medicina evoluiu, a tecnologia avançou, os transportes se aceleraram. Mas ainda existem aulas em que o professor é o centro do processo de aprendizagem. Nem todos os dinossauros foram extintos. (ANTUNES, 2006, p. 15)

Por outro lado, mesmo com todos os métodos e técnicas de ensino que temos, usando ou não as novas tecnologias (multimídia, hipermídia, internet, software), os laboratórios, as aulas criativas, citadas por Celso Antunes (2003), ou mesmo as representações semióticas de Raymond Duval (apud FLORES, 2006), as quais podem ser desprovidas de qualquer arcabouço tecnológico ou quaisquer outros métodos ou técnicas de ensino, os pesquisadores são unânimes em afirmar que não se faz educação sem cultura, em especial a cultura local, aquela que o aluno traz dentro de si, que vem de geração a geração, com o que ele lida no seu dia-a-dia. O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura (D`AMBROSIO, 2005). Geralmente, marginalizada pela escola.

A sala de aula é uma microcultura inserida em uma outra, a escola. Esta, por sua vez, faz parte de um sistema escolar, de uma sociedade. O que ocorre na sala de aula é influenciado pelo que acontece fora dela. Em decorrência, o fenômeno de interesse da pesquisa em ensino, além de envolver ensino propriamente dito, aprendizagem, currículo e avaliação, inclui também contexto. (MOREIRA, 1990, p.81)

O contexto cultural deveria, nesse sentido, ser mais abordado na escola, em especial na sala de aula, como requisito obrigatório no processo do ensino e da aprendizagem, sendo a cultura local, produzida pelas pessoas da região, um dos elementos mais significativos na prática docente e escolar. Farias (2006, p.11) afirma claramente que a desvalorização da cultura humanística compromete a formação mais ampliada e contextualizada do conhecimento científico. Essa valorização deveria ocorrer não só nas aulas de História ou Literatura, mas também em todas as disciplinas, haja vista que, na maioria das escolas, o professor fala de cultura nas datas comemorativas do ano letivo, e não como algo que faz parte do cotidiano do aluno, isto é, fala-se em cultura de uma maneira lúdica, meramente recreativa ou simplesmente informativa, mostrando (comemorando) com os estudantes o dia do folclore, dia da poesia, dia da música... Nietzsche (apud DIAS, 2001, p36), há mais de cem anos afirmou: “Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apoie”, fazendo críticas ao tecnicismo do ensino na Alemanha dos meados do século XIX.

A busca pela melhoria do ensino em sala de aula é um dos pilares da educação atual, sendo que melhorar a qualidade da educação implica melhorar os processos de ensino-aprendizagem; implicando mudanças naquilo que é ensinado e aprendido nas escolas e, sobretudo, na forma como se ensina e como se aprende (COOL, 2003, p.32). Este “como ensinar” do professor reflete-se frontalmente no “como se aprende” do aluno.

No Brasil, temos uma legislação pertinente ao assunto, sendo que a Constituição Brasileira de 1988, no caput do artigo 210, reza: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. (BRASIL, 1995, p. 96, grifo nosso).

A Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), no caput do artigo 26, reza: “Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte

diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura¹, da economia e da clientela”. A referência a conteúdos curriculares específicos neste artigo da LDB deve ser interpretada como uma preocupação de se construir um currículo ativo, contemporâneo, empolgante, não apenas pela inclusão de disciplinas de base, como Português e Matemática, mas também daquelas que ajudem a situar o aluno no mundo físico e em sua cultura. (CARNEIRO, 1998).

Mas será suficiente e necessário aceitarmos que as autoridades constituídas e competentes criem as disciplinas curriculares e resolvam o que deve ser ministrado nas nossas salas de aula?

”A escola possui uma missão cultural, tornando-se elemento-chave para a articulação de interesse, e gostos e de socialização de aspectos históricos, sociais e culturais, sendo os professores os seus catalisadores, acelerando ou retardando o processo. A atuação do professor é estratégica, exercendo um papel de tradutor da idéia oficial para o contexto prático”. (CRUZ, 2007.)

A nosso ver, um povo sem cultura não valoriza suas lendas e seu folclore. Um povo sem cultura não valoriza seu patrimônio histórico e geográfico. Um povo sem cultura não valoriza sua literatura e seu artesanato. Um povo sem cultura não valoriza sua dança e sua música. Um povo sem cultura não valoriza a si próprio como parte integrante de um grupo sócio-político-cultural de interesses comuns.

É bastante comum vermos a falta de orientação dos pais quanto ao respeito e à valorização da cultura, aos próprios filhos. Vê-se que, no dia-a-dia, a maioria dos pais somente passa, em geral, verbalmente, valores morais, éticos e de “adestramento”, tais como: respeitar os mais velhos, não mentir, não deixar comida no prato, estudar para ser alguém na vida (mesmo sem, ele mesmo, ter lido um livro na vida), não falar de boca cheia, não limpar o nariz em público etc. Seria querer demais que, em uma população desinformada como a nossa, pais transmitissem valores culturais a seus filhos. Como transmitir se aqueles não as possuem? Portanto, a escola surge não como um complemento na educação, no tocante a certos valores, mas como elemento preponderante na formação das crianças e dos jovens. A máxima de Santos (2004) diz tudo: “A cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar”.

¹ Grifo nosso

1.2 CULTURA

1.2.1 AS CONTROVÉRSIAS CONCEITUAIS.

Cultura é palavra de origem latina e, em seu significado original, está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino *culture*, que quer dizer cultivar (SANTOS, 2004).

Roque de Barros Laraia, em seu livro “Cultura, um Conceito Antropológico”, afirma que a palavra cultura tem uma origem diferenciada da afirmativa anterior, colocando-a com origem germânica e dando uma definição não só para o termo gráfico em si, mas para a abrangência e o significado do que vem a ser cultura.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que “tomando em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Com esta definição Tylor abrangeria em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA, 2004, p.25)

Alfredo Veiga-Neto (2003) segue o pensamento de Laraia no tocante à origem alemã do termo *Kultur*, para designar o que chamamos hoje de cultura, na sua historicidade, mostrando que, no passado, achava-se que a cultura deveria ter uma unicidade e relevância tal que sua grafia deveria ser escrita em maiúsculo. Mostra-se a presunção germânica, quando se achou de modelo para as “outras culturas”, distinguindo também, de maneira discriminatória, o que chamavam de alta cultura (pertencente aos letrados) e a baixa cultura (oriunda dos iletrados).

Aceitou-se, de um modo geral e sem maiores questionamentos, que cultura designa o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor – fosse em termos materiais, artísticos, científicos, literários etc. Nesse sentido, a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia aquilo de melhor havia sido produzido; universal porque se referia a humanidade, um conceito totalizante sem exteriores. Assim, a Modernidade esteve por longo tempo mergulhada numa epistemologia monocultural. E, para dizer de uma forma bastante sintética, a educação era entendida como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura,

tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso mais cultos.

“[...] a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula porque era vista ocupando um *status* muito elevado; no singular porque era entendida como única. E se era elevada e única, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades.”

Veio daí, por exemplo, a diferenciação entre *alta cultura e baixa cultura*. Simplificando, alta cultura passou a funcionar como modelo – como a cultura daqueles homens cultivados que “já tinha chegado lá”, ao contrário da “baixa cultura” – a cultura daqueles menos cultivados e que, por isso, “ainda não tinham chegado lá”. De tal diferenciação ocuparam-se muitos pedagogos, uma vez que a educação foi – e ainda é – vista por muitos como o caminho natural para a “elevação cultural” de um povo. (VEIGA-NETO, 2003, p.7)

Fica um questionamento: se os estudiosos não são consensuais no que tange à origem do termo cultura. que é algo pontual e histórico, então o que dizer do conceito de cultura? “[...] o conceito de cultura não é unívoco, não possui um único significado. Tanto na linguagem comum, que todos nós falamos, quanto na linguagem técnica dos antropólogos, o conceito de cultura possui amplos significados”. (MACHADO, s.d.).

D’ambrosio (2005) afirma, sobre o conceito e a natureza de cultura, de uma forma assaz democrática, que não leva em conta grau de instrução e origens étnicas. Refere-se, única e somente, a compartilhamento de conhecimento e compatibilização de comportamento, aspectos estes que podemos verificar em qualquer cultura, seja indígena e afros, ou mesmo em pequenos grupos como uma academia de letras, os artesãos em cerâmica da beira do rio Poty e, até mesmo, um grupo de Hip Hop, todos possuem seus próprios saberes e fazer.

“Ao reconhecer que um indivíduo de uma nação, de uma comunidade, de um grupo compartilham conhecimento, [...], e tem seus comportamentos compatibilizados e subordinados a um sistemas de valor acordados pelo grupo, dizemos que esses indivíduos pertencem a uma cultura. No compartilhar conhecimento e compatibilizar comportamento estão sintetizando as características de uma cultura. [...]. As distintas maneiras de fazer (prática) e de saber (teoria), que caracterizam uma cultura, são parte do conhecimento compartilhado e do comportamento compatibilizado. Assim como comportamento e conhecimento, as maneiras de saber e de fazer estão em permanente interação. São falsas as dicotomia entre saber e fazer, assim como entre teoria e prática.

Tratar do termo cultura já nos causa transtornos conceituais. Não que opinião A ou B estejam certas ou erradas; não é nosso intuito julgar conceitos ou entendimentos, mas a

abordagem do termo é que nos causa interesse. Cita-se, como exemplo, para Santos (2004), o qual afirma que não podemos dissociar cultura da relação de poder.

Podemos entender cultura como uma dimensão do processo social e utilizá-la como instrumento para compreender as sociedades contemporâneas. O que não podemos fazer é discutir sobre cultura ignorando as relações de poder dentro de uma sociedade ou entre sociedades.

Há polêmica na origem da palavra cultura, há controvérsias na conceituação de cultura e sua abrangência. O que se pode esperar então da dicotomia dos termos, cultura popular e cultura erudita? Ou, como citado acima de maneira um tanto jocosa, “alta cultura” e “baixa cultura”?

Na divisão tradicional cultura popular é entendida como toda prática cultural empreendida pelos estratos inferiores, pelas camadas iletradas e mais baixas da sociedade, ao passo que cultura erudita é aquela empreendida pelos estratos superiores ou pelas camadas letradas, cultas e dotadas de saber ilustrado. No entanto, esta divisão rigorosa não se confirma empiricamente, pelo menos é o que as pesquisas no terreno da teoria literária e da história da cultura vêm demonstrando. (DOMINGUES, sd)

No artigo *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*, Chartier apresenta seu entendimento da questão da cultura popular. De forma um tanto quanto esquemática, ele reduz as diversas definições a dois modelos de abordagem e interpretação, colocando também a questão social do meio:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.

A filósofa Marilena Chauí, nesta dialética, vê a cultura popular como sendo algo produzido por pessoas exploradas, à margem, e destruída pela cultura dominante, pela indústria cultural que massifica e é pauperizada intelectualmente pela elite.

Quando se fala em cultura popular, não em quanto manifestação dos explorados, mas enquanto cultura dominada, tende-se a mostrá-la como invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, envolvida pelos valores dos dominantes, pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização

nacionalista, demagógica e exploradora, em suma, como impotente face à dominação e arrastada pela potência destrutiva da alienação. Todavia, se nos acercamos do conceito de alienação, percebemos que não possui forças explicativas suficiente para desvendar a mola de diferenciação e de identificação entre cultura popular e ideologia dominante. (CHAUI, 1993, p.63).

Em seu artigo *Cultura Popular: entre a tradição e a transformação*, Catenacci (1998) cita Canclini, em que este de forma acentuadamente segregacional, diz que o popular está inserido no processo constitutivo da modernidade, abarcando as seguintes contradições:



Contrariamente a Canclini (apud Catenacci), Arantes (2004) diz que um grande número de autores pensa a “cultura popular” como “folclore”, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosos e estéticos) considerados “tradicionalistas”. E segue afirmando que pensar a “cultura popular” como sinônimo de “tradição” é reafirmar constantemente a idéia de que a idade do ouro se deu no passado. (ARANTES, 2004, p.16).

Outra controvertida conceituação é da própria etimologia da palavra “popular”². Tal termo é e foi muito utilizado para designar algo oriundo do povo³. Porém, muitas vezes distorcido, por relacionarem povo com massa, criou-se assim mais uma dificuldade conceitual, que foi explicada satisfatoriamente por Nemer (2008) ao afirmar que:

a cultura de massa tende a operar com outros códigos. Por exemplo: enquanto nas manifestações da cultura popular o que importa é a arte o ritual a festa, nas da cultura de massa o que prevalece é a posição ocupada pelo artista. Quanto ao público, a participação é muito menos ativa nas manifestações de massa do que nas ligadas à cultura popular. A condição de público de massa é a de espectador, de fã, e a sua relação com o artista, na maior parte das vezes, é de idolatria.

² **po.pu.lar** - *adj2g*. **1.** Do, ou próprio do povo, ou feito por ele. **2.** Simpático ao povo. **3.** Vulgar trivial. *sm*. **4.** Homem do povo. § **po.pu.la.ri.da.de** *sf*. (FERREIRA, 2001)

³ **po.vo** (ô) *sm*. **1.** Conjunto de indivíduos que falam (em regra) a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns. **2.** Os habitantes duma localidade ou região; povoação. **3.** V. *povoado*. **4.** Aglomerado de gente; multidão. **5.** Plebe. (FERREIRA, 2001)

Outra forma deformada de ver o popular é citada por Canenacci (2001), ao comparar o termo popular com populismo e popularidade, criado assim, para venda de produtos no mercado cultural pela mídia.

O popular é visto pela mídia através da lógica do mercado, e cultura popular para os comunicólogos não é o resultado das diferenças entre locais, mas da ação difusora e integradora da indústria cultural. O popular é, dessa forma o que vende, o que agrada as multidões e não o que é criado pelo povo. O que importa é o popular enquanto popularidade.

Um outro viés, que vale ser citado, para a questão do popular, é a ligação deste com a política,

o movimento artístico-político- revolucionário criado pelo CPC – Centro Popular de Cultura. Criado em 1961 esse movimento artístico surgiu como dissidência do grupo paulista “Arena”, na medida em que alguns dos seus membros, muitos preocupados com a produção de uma dramaturgia crítica da realidade social brasileira, destacavam a necessidade de maior interação entre o artista e o povo. [...] Era justamente pelo atrelamento entre arte e política que esses artistas e intelectuais buscavam construir o que denominavam de verdadeira arte ou cultura popular: a cultura popular revolucionária. Era popular por ser uma cultura dirigida ao povo e revolucionária por ter como objetivo a transformação da sociedade. (BARCELLOS apud CACENACCI, 2001, p.33).

Observamos que, desde a origem da palavra cultura, passando pelos conceitos diversos, discutindo a dicotomia cultura popular e cultura erudita e finalmente o emprego de diversas formas da palavra popular, os historiadores, filósofos, cientistas sociais e pedagogos possuem seus próprios pontos de vista, muitos frontalmente conflitantes, como relatado. Poderíamos escrever diversas páginas sobre estas questões ora levantadas; poderia ser alvo, até mesmo de uma dissertação a discussão sobre os conceitos de cultura, suas dicotomias e seus meandros, mas não é o intuito deste trabalho. Este apanhado de opiniões e conceitos foi um preâmbulo para localizarmos, na questão conceitual da cultura, os diversos modos de vê-la. Agora, não mais às vistas dos intelectuais, fazemos a questão: O que pensa o “fazedor” da cultura popular, em especial o poeta popular, frente a tais conceitos?

1.2.2 A VISÃO DOS POETAS POPULARES SOBRE CULTURA

Para tentar responder às questões da seção anterior, ouvimos, em entrevistas gravadas, poetas populares, os quais expuseram, de maneira informal, seus pensamentos acerca das divergências conceituais sobre cultura e suas dicotomias. As entrevistas estão na íntegra, inclusive com eventuais erros gramaticais que, porventura, algum poeta cometeu, no apêndice 1. Tentamos deixar os entrevistados totalmente à vontade para responder aos questionamentos, sem nenhuma interferência do pesquisador, como observado no apêndice em questão. Dividimos então este tópico em dois subtópicos: a metodologia da pesquisa e uma análise das entrevistas em si.

1.2.2.1 METODOLOGIA DAS ENTREVISTAS

No período de novembro de 2008 a janeiro de 2009, fizemos entrevistas com os poetas populares. Foram um total de 12(doze) entrevistados, todos do sexo masculino, sem discriminação de gênero, pois não conseguimos localizar poetizas na capital piauiense. Os entrevistados possuem escolaridades diversas: sem escolaridade acadêmica (entrevistados 5 e 9), com ensino fundamental incompleto (entrevistados 2, 3, 6, 8, 10 e 11), com ensino médio completo (entrevistado 5 e 7) e poetas com curso superior completo (entrevistados 1 e 12), conforme arrolado no apêndice 1(um). Vale ressaltar que todos concordaram, por escrito, que seus nomes, profissão, idade e escolaridade fossem publicados neste trabalho de mestrado. A maioria delas foram feitas no escritório do pesquisador (entrevistas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10 e 11), as entrevistas 6 e 9 foram feitas nas casas dos poetas e a entrevista 12, no local de trabalho do entrevistado.

Duas questões básicas foram formuladas aos poetas entrevistados. A primeira indaga: Em sua opinião, o que é cultura? E a segunda questiona: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim, qual? Entenda-se que existem dois tipos de poetas populares nesta pesquisa; o poeta oral, conhecido como cantador de viola, ou repentista, e o poeta escrito, conhecido como cordelista. Um terceiro tipo de poeta popular, que também usa a oralidade como

recurso poético, são os emboladores de coco, ou somente emboladores, muito comumente vistos em feiras e mercados populares. As entrevistas em tela serão analisadas na seção a seguir.

1.2.2.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Quanto à primeira pergunta (O que é cultura?), podemos destacar alguns pontos, que julgamos interessantes nas falas dos poetas populares:

- a) Os entrevistados 1, 3, 4, 5, 9 e 12, dentro da sua forma de expressar, afirmaram que cultura é algo (conhecimentos, arte, rezas, costumes, tradição, música, danças, ensinamento, o fazer) que é passado de geração a geração: “A cultura é conhecimento transmitido de gerações em gerações” (entrevistado 4)
- b) Os entrevistados 2, 6 e 10 possuem uma visão mais globalista do conceito de cultura, afirmando que é “tudo”; é música, é trabalho, é maneira de conviver com as pessoas, é poesia, é carnaval, é bumba-meu-boi, é tudo o que as pessoas fazem, dizem e pensam.
- c) Apenas um dos poetas entrevistados, o de número 7, relaciona cultura com desenvolvimento: “Cultura é tudo aquilo que faz com que um povo de uma região, de um estado, de um país se desenvolva [...]”
- d) Dois entrevistados (8 e 11) possuem uma visão mais minimalista do conceito de cultura, fazendo alusão a elas como sendo algo, basicamente, relativo ao ofício de improvisar versos ou de escrevê-los.

Quanto à segunda pergunta da entrevista (Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim, qual?), podemos verificar que as divergências de opiniões, entre os entrevistados, são mais acentuadas do que na primeira pergunta:

- a) Os entrevistados 2, 4, 6, 8, 9 e 11, portanto a metade dos poetas ouvidos, observam que há uma diferença significativa, afirmando que fundamentalmente, entre as duas supostas modalidades de cultura, a diferença está no entendimento das pessoas que as consomem. A cultura popular é mais fácil de ser entendida,

pois é feita para o povão, ela é mais clara, portanto é melhor de ser entendida pra quem tem pouca cultura. “[...] a erudita é aquela dos grandes professores, grandes mestres, que estudaram as ciências, as letras e tudo, e o cordel popular é a que nasce do povão [...]” (entrevistado 9)

- b) Um dos entrevistados (o primeiro), justamente um dos dois poetas que possuem ensino superior, disse não ser bem indicado para falar sobre esse assunto, e ainda complementa: “[...] Agora, quanto à diferença, sinceramente eu não estou preparado pra dizer o que é isso ou aquilo”.
- c) Na opinião dos entrevistados 5 e 10, não existe distinção entre cultura erudita e popular. Ambos usaram o mesmo argumento quando argüidos: “Cultura é cultura”. O entrevistado 10 ainda foi mais enfático ao afirmar: “[...] não tem mais nem menos cultura”.
- d) O entrevistado 3 argumenta que a diferença está no conceito de cada um de cada pessoa. E ainda é bem crítico no que concerne ao conceito que ele chama de academicista. “[...] Os acadêmicos acham que a cultura erudita é a principal, enquanto isso a cultura erudita não se sobressai sem a cultura popular. Agora a cultura popular se sobressai sozinha [...]”.
- e) Para o entrevistado 12, há diferença entre quem consome e na forma de produção. Ele enfatiza: “Cada qual tem sua peculiaridade, mas eu acho que a diferença básica está no consumo. As platéias, os públicos são distintos”.
- f) Na concepção do entrevistado 7, o que é cultura popular pode chegar, algum dia, a ser cultura erudita, bastando, para isso, que ela evolua. Cita a literatura de cordel como exemplo: “[...] é o caso de muitos estudiosos tão fazendo hoje, estão trabalhando a literatura popular mais aprimorada, e ela chega a ser classificada como cultura quase que erudita [...]”.

Foge ao alvo principal deste trabalho uma análise mais prolixa, confrontando o que pensam os estudiosos (teóricos), como mostrado acima, e o que pensam os “fazedores”, de fato, da cultura (apêndice 1). Mas podemos ver claramente o não envolvimento político que poetas fazem da cultura. Também é notório que, para a maioria dos entrevistados, cultura tem conceitos bem mais simplórios do que os teóricos citam em seus estudos, levando em conta apenas a

hereditariedade dos fatos e costumes culturais. Os entrevistados não veem na cultura algo relacionado a questões sociais, ou mesmo ambientais.

No tocante à dicotomia POPULAR vs ERUDITO, parece não haver diferenças ideológicas, sociais, raciais e/ou políticas no entender dos poetas entrevistados. No ponto de vista destes, o que prepondera é o entendimento da cultura em si, ou seja, como visto nas entrevistas, o que os poetas dizem é, grosso modo: se o povo entende, faz parte da cultura popular, se não entende, faz parte da cultura erudita. Desta maneira, corroboram com alguns teóricos supra citados, os quais relacionam a cultura popular à classe menos letrada, ou seja, os extratos inferiores, acadêmica e socialmente da comunidade envolvida no processo. Mas é interessante também destacar, que os entrevistados não fazem menção, porque não devem conceber que o grupamento popular seja parte da sociedade explorada e dominada pela cultura erudita.

No intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, especificamente na sala de aula, este trabalho sugere uma metodologia para dinamizar tal processo. O uso da cultura, em sala de aula, relacionada à literatura de cordel como elemento cognitivista tanto para o professor como para o aluno. Sendo parte da cultura nordestina, recomendamos, nesta dissertação, o uso do cordel não somente para ludicidade e recreação, mas também por tornar-se elemento facilitador do processo de ensinar e de aprender.

1.3 O CORDEL

1.3.1 DE ANTIGAMENTE ATÉ HOJE

“Folheto”, “livrinho de feira”, “livro de histórias matutas”, “romance”, “folhinhas”, “livrinhos”, “livrozinho ou livrinho veio”, “livro de história antiga”, “livro de poesias matutas”, “foiето antigo”, “folheto de história de matuto”, “poesias matutas”, “histórias de João Grilo”, “leitura e literatura de cordel”, “história de João Martins de Athayde” ou simplesmente “livro”. Essas foram algumas denominações que os leitores, leitoras, ouvintes e vendedores que entrevistei utilizaram para designar o que os estudos acadêmicos brasileiros sobre o tema renomearam e difundiram, por todo o país, como LITERATURA DE CORDEL. (GALVÃO, 2006, p.26 e 27).

Este singular meio de comunicação de massa, surgido na Península Ibérica e trazido para o Nordeste do Brasil pelo colonizador europeu, floresceu aqui, segundo os pesquisadores mais autorizados, em fins do século XIX, através dos pioneiros Hugolino do Sabugi, Silvino Pirauá de Lima e Leandro Gomes de Barros, este último responsável pela sua projeção comercial nas primeiras décadas do século XX. Durante muito tempo, foi o único veículo de comunicação de que dispunham as populações rurais, antes do surgimento do rádio. O nome *Literatura de Cordel* vem de Portugal, onde os folhetos eram expostos pendurados em barbantes (cordões ou cordéis). No Nordeste brasileiro, o termo **cordel** gerou alguma polêmica quando passou a ser utilizado, mas hoje é largamente aceito (VIEIRA, 2006, p.30).

Para ilustrar tal informação, vemos o texto e análise do Professor Henrique Júnior Felipe (2009), no seu ensaio – A poesia Épica de Camões: Os Lusíadas, no qual cita Camões como um poeta clássico e lírico, mas que, com um grande diferencial, escreveu sua obra prima usando uma das modalidades da rima e verso da poesia popular: a oitava em decassílabo:

Luís Vaz de Camões é o maior escritor da língua portuguesa em todos os tempos e sua obra alcança a dos maiores nomes da literatura universal. Camões foi um poeta do Classicismo renascentista. O Renascimento literário, ocorrido no século XVI, caracterizou-se pela retomada dos valores estéticos da cultura clássica greco-latina. Uma volta aos padrões da Antiguidade Clássica conformou essa escola literária marcada pelo racionalismo, pelo universalismo, pela imitação da natureza, pelo equilíbrio entre a

forma e o conteúdo, enfim, pela imitação dos escritores clássicos, ou seja, aqueles que escrevem de maneira clara, excelente, dignos, portanto de serem imitados, de servirem como modelo estético. A obra de Camões comporta três vertentes: poesia lírica, poesia épica e teatro. É na poesia épica que encontramos uma das mais primorosas obras da criação artística humana: o poema épico: "Os Lusíadas".

[...]. As estrofes ou estâncias são compostas em oitava rimas: ABABABCC

As armas e os barões assinalADOS	A
Que da ocidental praia lusitANA	B
Por mares nunca dantes navegADOS	A
Passaram ainda além da TrapobANA,	B
Em perigos e guerras esforçADOS	A
Mais do que prometia a força humANA	B
Entre gente remota edificARAM	C
Novo reino, que tanto sublimARAM.	C

Os versos são decassílabos heróicos, com cesura (acento) na 6^a e na 10^a sílabas ou decassílabos sáficos, com cesura na 4^a, 8^a e 10^a sílabas. . Ex.:

As/ ar/mas/ e os/ ba/RÔES/ as/si/na/LA/dos - decassílabo heróico
Es/pe/ra um/ COR/po/ de/ quem/ LE/vas/ A AL/ma - decassílabo sáfico

Merece também uma referência especial o brasileiro Leandro Gomes de Barros (1865-1918), ao qual é atribuído o início da impressão sistemática das histórias rimadas em folhetos. O primeiro deles, localizado, foi impresso em 1893, momento em que se multiplicavam as tipografias em todo o país. Leandro teria, pois, começado a escrever folhetos em 1889 e passado a imprimi-los em 1893. A partir de 1909, já estabelecido no Recife, Leandro passou a viver exclusivamente da produção e venda dos folhetos, tornando-se, ao mesmo tempo, editor e proprietário. (GALVÃO, 2006).

Leandro não foi só um dos primeiros poetas a imprimir seus versos no Brasil, mas também o mais famoso. Algumas de suas obras continuam sendo vendidas até hoje e, embora não se saiba exatamente quantos poemas ele escreveu, há cerca de 200 catalogados. Aos poucos, os pesquisadores estão descobrindo mais folhetos deste autor. É que antigamente não se cuidava dos direitos autorais como hoje e, quando Leandro morreu, sua viúva vendeu os folhetos do marido para um outro grande poeta, João Martins de Athayde, que continuou a publicação com seu próprio nome. Na época, o que mais importava era o nome do editor, responsável pela distribuição e venda dos folhetos, enquanto o nome do autor, geralmente, vinha no fim, em forma de acróstico.

Vejam a última estrofe de “**O cachorro dos mortos**”, do qual foram vendidos mais de um milhão de exemplares, em que o autor usa um recurso bastante comum nos cordéis – o acróstico com o próprio nome, como uma maneira de autovalorizar-se:

L – eitor, não levantei falso,
 E – screvi o que se deu,
 A – quele grande suceso
 N – a Bahia aconteceu
 D – a forma que o velho cão
 R – olou morto sobre o chão,
 O – nde o seu senhor morreu. (LUYTEN, 1992, p.52,53)

Carlos Drummond de Andrade (1976), na sua crônica **Leandro, o Poeta**, publicada no *Jornal do Brasil*, acentua:

“Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, de um total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon, mas, vastamente popular no norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor do ‘ouvir estrelas’. (...) E aqui desfazo a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros.

“Um é Poeta erudito, produto de cultura urbana e burguesia média; o outro, planta sertaneja vicejando a margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebia com flores. Este espalhava seus versos em folhetos de Cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alpercatas ou de pés no chão.” E, continua Drummond mostrando o alcance dessa literatura singular, que por sua penetração, representa significativa parcela do nosso patrimônio cultural: “A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem estar social, bebia inspiração européia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de labores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinha da vida. (...)” E conclui: “Não foi príncipe de poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro”.

Muita gente fica boquiaberta quando recebe a informação de que o Brasil é o maior produtor de poesia popular de todo o mundo e de todos os tempos. (LUYTEN, 1983, p.34). Devido a tal abundância de títulos, autores, tipos de rimas e assuntos que o cordel e os cordelistas trazem, bem como a facilidade de encontrarmos folhetos a preços irrisórios, para o tamanho da obra, é que optamos por estudar o cordel não na sua forma literária em si, mas como ferramenta cognitiva no processo de ensino-aprendizagem.

No Piauí, encontramos dezenas de poetas vivendo de uma poesia dita marginal, pois não estão no meio considerado intelectual da sociedade. Entre eles, podemos citar nomes como Joames, Xico do Romance, Cinéas Santos, Zózimo Tavares, Barripi, Cunha Neto e Pedro Costa. Mas a consagração do Piauí na Literatura de Cordel surgiu com Hermínio Castelo Branco (1889-1991), mais tarde lapidada por Firmino Teixeira do Amaral (1886-1926), que ultrapassaram as fronteiras do Piauí e conquistaram glória e fama aqui e alhures. (Ribeiro, 2003, p.108). Este último, Firmino Texeira, escreveu um dos folhetos mais lidos dentro da literatura de cordel, não só no Brasil, mas pelo mundo afora – A peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho dos Tucuns. Esta peleja há quem duvide que ocorresse, mas este cordel ficou extremamente famoso, pelos versos altamente racistas e discriminatórios e pelas inovações na forma de rimar que Firmino Teixeira criou, em especial o Trava-Língua que derrotou Zé Pretinho na peleja com Cego Aderaldo e que, apesar dos anos, ainda é recitada pelos amantes do cordel. Vale ressaltar que este trava-língua foi declamada por Nara Leão no show Opinião, que fez junto com João do Vale e Zé Ketti na década de 1970. Eis um trecho:

CA – Amigo José Pretinho
Eu não sei o que será
De você no fim da luta
Porque vencido já está;
*Quem a paca cara compra
Paca cara pagará.*

ZP – Cego, estou apertado.
Que só um pinto no ovo
Estás cantando aprumado
E satisfazendo o povo
Este teu tema de paca
Por favor diga de novo

CA – digo uma, digo dez
No cantar não tenho pompa
Presentemente não acho
Quem o meu mapa rompa
*Paca cara pagará
Quem a paca cara compra*

ZP – Cego, tem peito de aço
Foi bom ferreiro que fez
Pensei que o cego não tinha
No verso tal rapidez
Cego, se não for maçada
Repita a paca outra vez.

CA – Arre com tanta pergunta
Deste negro capivara
Não há quem cuspa pra cima
Que não lhe caia na cara
*Quem a paca cara compra
Pagará a paca cara*

ZP – Agora cego, me ouça
Cantarei a paca já
Tema assim é burrego
No bico dum carcará
*Quem a cara cara compra
Caca caca cacará.*
(AMARAL, sd)

Vale destacar também Domingos Martins da Fonseca (1913-1958), nascido em Miguel Alves, sertão do Piauí, considerado pelos poetas cantadores e cordelistas o maior nome da arte

em todos os tempos no Brasil. O escritor Ariano Suassuna, em entrevista concedida⁴ em Teresina, afirmou, ao ser arguido sobre seu conhecimento da cantoria no Piauí:

“Eu conheço muitos cantadores do Piauí. Mas, tenho grande admiração pelo piauiense Domingos Fonseca, que era um extraordinário cantador e infelizmente já morreu. Certa vez, eu vi Domingos Fonseca fazer uma sextilha, quando cantava com outro cantador que falou mal dele pelo fato de ele ser negro. Como resposta, ele cantou os seguintes versos: *"Falar em pobreza e cor / É um grande orgulho teu / Morra eu e morra o nobre / Enterrem-se o rico e eu / Que depois ninguém separa / O pó do branco do meu"*”.

⁴ http://www.piaui.pi.gov.br/atual/materia_especial.php?id=8784

1.3.2 A MÉTRICA

Existem diversas modalidades na literatura de cordel quanto à forma de organização das rimas nas estrofes, a citar: parcela ou verso de quatro sílabas, verso de cinco sílabas, estrofes de quatro versos de sete sílabas, sextilhas, setilhas, oito pés de quadrão ou oitavas, décimas, martelo agalopado, galope à beira mar, meia quadrão, entre outros. (VIANA, 2006, p.43)

Ao longo do tempo na Poesia oral Cantada foram criando e recriando modalidades do fazer cantar. O que começou com as trovas européias veio aqui tomar características especiais e uma diversidade em nenhum outro lugar do mundo conhecida, senão no Nordeste do Brasil. Registro aqui oitenta e cinco destas modalidades; muitas delas já em desuso enquanto novas vão surgindo a todo momento, como é característico da Cultura Popular esta renovação. Classifiquei-as segundo o número de versos e de sílabas, exemplificando-as para uma melhor compreensão. (MOREIRA, 2006) (tabela no anexo 3)

A forma de organização das rimas de cordel mais comum entre os cordelistas é a sextilha, criada por Romano do Teixeira e Silvino Pirauá, que acrescentaram uma parcela à quadra, surgindo, destarte, o estilo mais usado nas cantorias de viola, desde sua criação. (RIBEIRO, 2006)

Sextilha é uma estrofe de 6 versos, geralmente dispostas da seguinte maneira em nosso cordel tradicional: são rimados entre si os versos pares, ou seja: o segundo com o quarto e com o sexto, enquanto que o primeiro, o terceiro e o quinto são livres. A organização é a seguinte: AB/CB/DB, podendo ser ainda adotado o esquema XA/XA/XA. Na Sextilha, o verso subsequente depende do seu antecessor (verso ímpar). Vejamos algumas estrofes extraídas do livro A didática do cordel, que definiu muito bem a Sextilha.

“A Sextilha é uma estrofe
Que mostra, no seu contexto,
Seis versos de sete sílabas
E apresenta o seu texto
Rimando o segundo verso
Com o quarto e com o sexto.

Na construção da Sextilha
Os versos ímpares, que são:
Primeiro, terceiro e quinto,
Desses, a sua função
É dar seqüência ao assunto
Também chamado Oração

E a contagem silábica
Não poderia faltar:
É dela que vem a métrica,
Tem que saber separar;
Sem a cadência das sílabas
Não dá pra metrificar.

Tem mais: a sílaba poética
Vem de modo especial:
No verso, ela se difere
Da sílaba gramatical,
Pois a última sílaba tônica
É, do seu verso, o final.”
(VIANA, 2006, p.35).

Vale ressaltar que as modalidades sextilha são estrofes que possuem sete sílabas em todos os versos. A contagem da divisão silábica é feita levando em consideração as sílabas poéticas, e não as gramaticais.

A contagem das sílabas métricas de um verso tem características distintas. Três regras devem ser observadas.

Primeira: Toda sílaba final átona terminada em vogal e a inicial da palavra seguinte começada também por vogal, forma uma única sílaba.

Ex.: Grande amigo, divide-se: Gran-dea-migo

Segunda: Se a vogal da sílaba final for tônica não ocorre elisão, ou seja, a junção das sílabas.

Ex.: José Américo, divide-se: Jô-sé-A-mérico

Terceira: Na última palavra do verso não se contam as sílabas seguintes à tônica.

Ex.: Melancólico, divide-se: Me-lan-cólico (MENDES, 2004, p.27)

1.3.3 A DIVERSIDADE DE TÍTULOS

Para este trabalho, reunimos cerca de 200 (duzentos) títulos relacionados não só à ciência formal, curricular do Ensino Fundamental, como também cordéis de biografias de cientistas, cordéis sobre DSTs/AIDS, astronomia, meio ambiente, enfim são cordéis que tratam de temas transversais, os quais devem ser explorados em sala de aula pelos professores, todos com uma linguagem simples, de fácil compreensão. Usando cordéis, ficaria bem mais fácil sensibilizar e/ou alertar os alunos para diversos temas que estão em seu cotidiano, sem contar com o aprendizado propriamente dito.

No anexo 4, temos um pequeno mostruário dos cordéis que tratam de DSTs, Aids e sexualidade, temas transversais comentados em sala de aula pelos professores de ciências do ensino fundamental, sobretudo na 6ª série. Como exemplos, podemos citar os versos do cordel do poeta paraibano Manoel Monteiro – QUEM NÃO USA CAMISINHA GANHA TERNO DE MADEIRA, no qual o autor, ao longo do folheto, escrito em sextilha, descreve diversas doenças sexualmente transmissíveis, fala da AIDS e cita métodos de prevenção das DSTs. Interessante é a dedicatória que o autor faz ao final do folheto, usando o formato da septilha: *Ofereço comovido / Este humilde folhetinho / Ao “poetinha” Cazuzza / Ao sociólogo Betinho / Renato Russo e Henfil / Que o inimigo vil / Abateu pelo Caminho.*

QUEM NÃO USA CAMISINHA GANHA TERNO DE MADEIRA

Neste dia e nesta hora
Peço à Musa que me ajude
À falar de coisas sérias,
Para que a juventude
Tenha o Direito de Amar,
Mas, preservando a SAÚDE.

Tanto mulher quanto homem
Das venéreas são passíveis,
Passam de um para o outro
Com conseqüências terríveis
Por isso as chamam: DOENÇAS
SEXUAIS TRANSMISSÍVEIS.

Só a prevenção consegue
Afugentar esse mal,
Exigindo a CAMISINHA,
Tendo asseio corporal
Indo ao ginecologista
Ao sentir algo anormal

Amor de homem e mulher
É singular e singelo
Dá prazer acende vidas,
É natural, puro e belo
Mas sendo promíscuo pode
Transforma-se num flagelo

Mesmo não sendo doença
Do grupo qu'estou falando
O CÂNCER DE MAMA vem
Grandes transtornos causando
Por não ser detectado
Quando está só começando

A mulher ao pressentir
Um nódulo estranho no peito,
Um caroço, uma verruga
Ou outro qualquer defeito
Vá ao Posto de Saúde
Pois no começo tem jeito.

O auto-exame é fácilimo:
Tendo um espelho na frente
Passe a mão sobre os dois seios
Apalpando levemente
E vá ao médico notando
Qualquer coisa diferente.

CÂNCER DO COLO DO ÚTERO
Também é muito temido
Mas diagnosticado
Ao ser estabelecido
Tem cura e devem saber
Que pode ser prevenido.

PREVENIR é bem melhor
Do que se remediar
Por isso toda mulher
Na idade de procriar
Deve procurar um médico
Pra fazer-se examinar.

Chamam PAPA NICOLAU
Ao exame salvador
De procedimento rápido,
Eficaz e indolor
Que detecta no começo
O câncer devastador.

Por vergonha ou por descuido
Ou falta de informação
Muitas só procuram o médico
Quando as coisas já estão
Num estágio tão avançado
Que não há mais salvação.

Antes dos antibióticos
A sífilis matava gente
Por incrível que pareça
Inda hoje no presente
Muitos contraem esse mal
Não se tratam e passam à frente

Se souber qu'está doente
Desse mal pernicioso
E sem escrúpulo o passar
Pra amante, esposa ou esposo
Saiba qu'está cometendo
Um ato delituoso.

CANCRO MOLE e CANCRO
DURO
São tumores cancerosos
Que pelo nome já dizem
O quanto são perigosos,
Não sendo tratados cedo
Têm efeitos desastrosos.

A GONORRÉIA também
Chamada BLENORRAGIA
Se transmite no contato
E ainda hoje arrelia
À quem resiste vestir
A "camisola" do dia.

Se numa "rinha de sexo"
Um galo vir a bica-lo
Não espere qu'ele cante
Nas manhãs para acorda-lo
Porque de galo esse bico
Só tem a CRISTA DE GALO.

Falar de AIDS eu creio
Que todos ouviram já
Dizer que AIDS não tem
Cura e do jeito qu'está

Das doenças transmissíveis
É a mais cruel que há.

Cada pessoa infectada
Por esse vírus terrível
Contamina 10 ou mais
Numa progressão horrível,
Curá-lo, ainda não sabem,
Mas, evitá-lo é possível.

Até hoje não se sabe
De onde veio esse mal
Se da promiscuidade
Do homem com o animal
Se das drogas injetáveis
Sangue impuro ou coito anal.

O que se sabe de certo
É que a AIDS derrama
A morte, a dor, a tristeza
Sobre aquele que se ama
Por isso é bom aprender
Como evitar esse drama.

O HIV, segundo,
Estabelece a ciência
É cruel VÍRUS DA
IMUODEFICIÊNCIA
HUMANA que mina e leva
O organismo à falência.

Deixando o corpo em aberto
Para invasões deletérias
De gripes monumentais
E perversas bactérias
Que transformam males simples
Em enfermidades sérias.

O vírus HIV
Em alguns fica incubado
Sem chegar à positivo
Por tempo indeterminado
Noutros chega sem anúncio
Trazendo a AIDS de lado.

A ciência não explica
Esse seu comportamento
Mas você sabendo disso
Permanecerá atento
E ao primeiro sinal
Vai procurar tratamento.

Sendo HIV, cuidado!
Pois uma tênue anemia
Vai duma gripe banal
À uma pneumonia
Chegando à tuberculose
Que aos pulmões avaria.

Confusão mental aponta
Indícios de meningite
Porque todo organismo

Sem ter defesa permite
Que o HIV domine
E a AIDS se precipite.

Trazendo a Herpes consigo,
Pré-câncer, câncer e sarcomas,
Verrugas que se transformam
Nos temíveis condilomas
E é bom que fique atento
Pra estes outros sintomas.

Falta de ar, febre, tosse,
Corrimento vaginal,
Diarréia permanente,
Perturbação visual,
Dores pelo baixo-ventre,
Sono e confusão mental.

Menstruação persistente
Ou espassada o bastante
Com o ciclo irregular
E o volume abundante
Pele escamada e resseca
Perda de peso constante.

Dor na coluna e nas juntas
Cansaço e gânglio inflamado
Manchas roxas com freqüência
Suor noturno e gelado,
Cobreiro, sarna, impetigo
E humor descontrolado.

VAGINITES, URETRITES
Exigem cuidado e trato
A CLAMYDIA TRACHOMATIS
Se transmite no contato
E o mais chato é falar
De um bicho chamado CHATO.

CHATO é chato porque chega
S'esconde por entre os panos
Mas quanto quer almoçar
Suga o sangue dos humanos
E faz praça de passeio
Pelos pêlos pubianos.

Aumenta mais que falência
Em tempo de quebradeira,
Além de outras chatices
O mais chato é a coceira
Que o CHATO faz chamegando
Nos cabelos da traseira.

Se notar na genitália
Coceira, inchaço ou ardência,
Uma ferida ou um corte
Desconforto e purulência
Mostrar o pinto ao médico
É a melhor providência.

Falar em GRUPOS DE RISCO
É linguagem ultrapassada,

Preto, branco, rico, pobre,
Mulher solteira ou casada,
Machão ou quem desmunheca
AIDS não respeita nada.

Quem se deixa penetrar
Pelo "canto" de sair
Já que é seu pode dar
Sem deixar de conduzir
Preservativos no bolso
Para o parceiro vestir.

Quem cai de boca também
Não pode dormir tranqüilo
Visto correr alguns riscos
Porque existe bacilo
Que vem daquilo pra boca
E vai da boca pra'quilo.

Seja bi, ou seja, hétero
Seja mulher com mulher
O corpo é seu, você pode
Fazer dele o que quiser
Mas, se matar por amor
Eu sei que você ao quer.

Liberdade para amar
Hoje se tem à vontade
Mas isso não quer dizer
Que se tenha liberdade
De transferir para os outros
A sua infelicidade.

Sendo soropositivo
E desejando agir bem
Seja honesto e não transmita
O "seu vírus" pra ninguém
O que não quer para si
Não dê aos outros também.

Imagine a desventura
Dum bebê infectado
Que vai pagar com a vida
Um crime não praticado
Por ter correndo nas veias
O sangue contaminado.

Ou u'a mulher casada
Sem saber ter contraído
HIV positivo
Com o seu próprio marido
Que em vez de amor leva a
morte
Ao seu ente querido.

EXIGIR A CAMISINHA
Do marido ou companheiro
E se possível evitar
Troca-toca de parceiro
É o jeito de ajudar
A si e ao mundo inteiro.

Posso antever o dilema
A que se expõe a mulher
Quando é "obrigada ir"
Com um parceiro qualquer
E exigir-lhe que use
Aquilo qu'ele não quer.
Uns dizem que a CAMISINHA
Do prazer rouba a metade,
Outros dizem que seu uso
Afeta a virilidade
Outros vêem-na como prova
Da sua infidelidade.

Em todo caso é preciso
Que a mulher não desista
Barganhe com o seu parceiro
Explique a ele e ínsita
Que a CAMISINHA é boa
De todo ponto de vista.

Mostre que é bom para os dois
Já que ninguém adivinha,
Que prevenção não ofende
E nem canja de galinha
E "amor-perfeito" é bem feito
Se feito com CAMISINHA.

Pra vestir o "instrumento"
É preciso um certo jeito,
Retire o ar, verifique
Se não há nenhum defeito
Jamais use preventivo
Que lhe pareça suspeito.

Mas se mesmo assim notar
Algun sintoma anormal
Corra ao Posto de Saúde
Ou procure um Hospital
Antecipar-se às doenças
É providência ideal.

Mulher, homem e outros mais
Sexualmente ativos
Saibam que sexo seguro
Se faz com preservativos,
Isto para quem quiser
Permanecer entre os vivos.

A VACINA ANTITETÂNICA
E as outras vacinas são
Um DIREITO da mulher,
Do Estado obrigado
Que ganha tempo e dinheiro
Se gastar na prevenção.

O aborto provocado
É um ato inconseqüente,
Evitar filho, está certo,
Abortar, é diferente
Por arriscar-se à fazê-lo
Tem morrido muita gente.

Mulher em idade fértil
E por diversos motivos
Necessita utilizar
Os anticoncepcionais,
Mas só com prescrição médica
Poderão ser positivos.

Soropositiva grávida
Precisa está consciente
Que o bebê corre o risco
De vir ao mundo doente
E pelo descuido alheio
Pagar a conta inocente.

Nesse caso a gestação
Requer acompanhamento,
Um pré-natal cuidadoso
Pois já tem medicamento
Pra durante a gravidez
E depois do nascimento.

EXIJA o teste de AIDS
O que não lhe custa nada
É DIREITO ADQUIRIDO
E sendo bem medicada
A transmissão pra criança
Já pode ser evitada.

Se o TESTE ELISA achar
Positivo o resultado
Fazer um segundo Teste
É o caminho indicado
Pra comprovar o primeiro
Ou negar-lhe o resultado.

O exame WESTERN BLOT
Se faz depois do ELISA
Pois um "falso positivo"
As vezes se concretiza
E para dissipar dúvidas
É qu'ele se realiza.

O Teste anti HIV
Para ser certo e exato
Só é feito nos COÁS
Ou Serviço correlato
É gratuito e garante
O completo anonimato.

O LEITE MATERNO é
Do vírus bom condutor,
PASTEURIZÁ-LO elimina
O mensageiro da dor
E em vez do canto da morte
Vão-se ouvir cânticos de amor.

Ser mãe, lhes diz o poeta.
É sofrer no paraíso
Assim, obedeça ao médico:
Em tudo que for preciso,
A paga será seu filho

Dar-lhe o primeiro sorriso.

No caso de doar sangue
Ou receber transfusão
Por ser doente renal
Ou outra qualquer razão
O Teste de AIDS é
DIREITO DO CIDADÃO.

Fiscalizar esse item
É um DEVER do Estado
Por isso, se precisar,
Não entre em barco furado
Por ser um DIREITO seu
EXIJA o sangue testado.

A AIDS não se transmite
No assento sanitário,
No aperto de mão, no beijo,
No abraço solidário,
Nos contatos sociais
Nem no convívio diário.

Nas saunas, praias, piscinas
AIDS não marca presença,
Nem talher, bandeja, copo
E desde já se convença
Que só sexo, sangue e droga
Viabilizam a doença.

Tomar droga é uma droga
O nome já está dizendo,
Ma se você quer viver
Se matando, vá vivendo
Nesse jogo viciado
Do qual ninguém sai vencendo.

Cigarro escraviza e mata
Álcool mata e embrutece,
Pico, pó, loló e craque
Diz que é bom quem não
conhece

Se puder se afastar deles
A sua vida agradece.

Tomando droga injetável
Evite seringa usada,
Se a primeira usuária
A deixou contaminada
Quem vir usá-la em seguida
Pode ser prejudicada.

A AIDS vem progredindo
Com passadas de gigante
Para reverter as cifras
Dessa estatística alarmante
A informação parece O antídoto
mais importante.

Por isso a informação
Tem sido nosso estandarte

Utilizando o POETA
POPULAR e sua arte
Os Grupos de Apoio à Vida
Vem fazendo a sua parte.

Com palestras em Escolas,
Clubes, Praças, Hospitais,
Teatros, Fábricas, Quartéis,
Igrejas e outros locais
Ganhando espaço na mídia
Das Rádios, TV's, jornais.

Ministério da Saúde,
Secretarias de Estado,
Municípios, GAVs, ONGs.
Contra a AIDS tem lutado
E em breve venceremos Esse
inimigo safado.

Sabemos que o preconceito
Ainda estigmatiza
Mas isto será passado
O futuro preconiza,
Por fim um último conselho
Aquele que mais precisa.

Quem guarda doença colhe
Tristeza, amargura e dor
Por isso ao sentir-se mal
Vá em busca do Doutor,
Guardar só presta:
ESPERANÇA,
SAÚDE, PAZ e AMOR.

Lamentar o infortúnio
Não ameniza o calvário,
Ajuda quem participa
E se quer ser solidário
Procure um GAV e s'integre
Ao trabalho VOLUNTÁRIO.

Meus versos talvez ajudem
Aos que querem vencer
Neles procuro ensinar
O caminho a percorrer
Eles estão transbordando
Lições de amar e viver.

Melhor é ser precavido
Ouvir ao mais entendido
Não se fazer de sabido
Tentando andar no escuro
Enquanto quem corre cansa
Indo devagar alcança
Ramos verdes d'esperança
Ornamentando o futuro.
(MONTEIRO, 2001)

O anexo 5 arrola alguns títulos relacionados com as drogas. Merece atenção o cordel de Allan Sales do Cariri – QUEM NÃO FUMA VIVE MAIS, devido a ser escrito em décima e ter poucas estrofes, as quais são significativas e vão direto ao ponto da discussão, sobre o tema muito citado pela mídia, mas pouco discutido na escola, principalmente no ambiente da sala de aula. O cordel em tela não somente ressalta o câncer como principal mal causado pelo cigarro, como também faz referência a diversos fatores negativos que acompanham o fumo, como o mau hálito, a impotência sexual, o aumento do risco de infarto, a tosse crônica e o risco do fumo durante a gravidez.

QUEM NÃO FUMA VIVE MAIS

O cigarro é um vício
Que beira à calamidade
Atormenta a humanidade
Dependência um suplício
Pra largar, um sacrifício
Causa doenças letais
Quem do seu uso não faz
Vai ter dias mais amenos
Pois quem fuma vive menos
Quem não fuma vive mais

Diminui capacidade
Do pulmão funcionar
Pode até câncer causar
Um perigo de verdade
Nicotina nos invade
Grande malefício traz
Ser humano perde o gás
E os seus vigores plenos
Pois quem fuma vive menos
Quem não fuma vive mais

Em ambiente fechado
Nunca se deve fumar
O direito respeitar
Não fumante ser poupado
O pulmão fica manchado
Os perigos são reais
Traz males estomacais
E pros nossos duodenos
Pois quem fuma vive menos
Quem não fuma vive mais

Envelhece mais precoce
Toda pessoa fumante
O seu fôlego arfante
Pigarro e a seca tosse
Se o cigarro lhe faz posse
Seja moça ou rapaz
Nunca é tarde demais
Melhor conselho que tive

Pois quem fuma menos vive
Quem não fuma vive mais

Perigo na gravidez
Pode afetar o feto
Fumando não é correto
Se o feto não se fez
É total estupidez
Buchuda fume jamais
Largue do vício voraz
Que possui tantos venenos
Pois quem fuma vive menos
Quem não fuma vive mais

Tem o fumante passivo
O que fuma sem querer
Se ao lado outro acender
O tal fumante ativo
Quem não fuma é mais vivo
Sem fumar se satisfaz
O fumante contumaz
Sofre em vários terrenos
Pois quem fuma vive menos
Quem não fuma vive mais

Diminui nossa potência
Prejudica a ereção
Força muito o coração
Mau hálito, inapetência
Todo dia na emergência
Fumantes em hospitais
Alguns infartos mortais
Outro tanto sobrevive
Pois quem fuma menos vive
Quem não fuma vive mais

A TV faz propaganda
Que fumar lhe traz sucesso
Que quem fuma tem progresso
E de carro novo anda
Se fumar alguém lhe manda

Com lorotas irreais
Causa doenças bucais
Nessa onda já estive
Pois quem fuma menos vive
Quem não fuma vive mais

Mostram gatas bem bonitas
Jovens garanhões malhados
Belos carrões importados
Grandes mentiras malditas
Mas quem produz estas fitas
Estes tais comerciais
Sacas os males bestiais
Como evitar inclusive

Pois quem fuma menos vive
Quem não fuma vive mais

E assim vou encerrando
Condenando o tabagismo
Eu não faço terrorismo
Aos amigos alertando
Não quero ver-me chorando
Frequêntando funerais
Deixe o seu pulmão em paz
Tire a vida do declive
Pois quem fuma menos vive
Quem não fuma vive mais
(SALES, 2003)

A devastação das florestas, a poluição dos rios, o aquecimento global, a relação do Homem com a natureza, enfim, temas relacionados ao meio ambiente e à atuação humana neste também estão em alguns cordéis apresentados no anexo 6. Um deles nos chama a atenção: trata-se do folheto do poeta piauiense, professor Cineas Santos – ABC DA ECOLOGIA, escrito em sextilha. O texto é uma advertência ao extermínio e à destruição de florestas.

ABC DA ECOLOGIA

Antes que o céu escureça
E finde toda beleza;
Antes que a terra se cubra
De lixo, morte e tristeza,
Vamos salvar o que resta,
Preservando a natureza.

Basta de destruição!
É tempo de construir:
Lançar na terra a semente,
Ver nascer, crescer, florir,
Colher os frutos depois
E com o irmão dividir.

Cada árvore derrubada,
Seja no vale ou na serra,
É uma vida que se extingue,
É um ciclo que se encerra,
É mais tristeza no mundo,
É menos verde na terra.

Destruir tudo que é vivo,
Sem refletir, sem pensar,
Romper a teia ecológica
(cada coisa em seu lugar)
É atentar contra a vida;
É uma loucura sem par!

Exterminar, destruir
São os verbos mais usados;
Corromper, adulterar
São igualmente empregados;
Defender e preservar
Quase nunca são lembrados.

Falar apenas não basta,
É preciso agir, lutar:
Conjugar com mais frequência
Os verbos viver e amar;
Usar as mãos que destroem
Para construir, preservar.

Gravem isso na memória
As gerações que virão,
Por crimes que cometermos,
Alto preço pagarão,
E podem crer, estou certo,
Nunca nos perdoarão.

Haverá razões de sobra
Para sermos odiados:
Por ação ou omissão,
Todos nós somos culpados
E no tribunal da História
Seremos todos julgados.

Insensatez é matar
O que a natureza criou;
Insensatos temos sido
Quando agimos com furor,

Destruindo e corrompendo
A obra do Criador.

Jamais esquecer que a vida
Se faz a partir do amor
E tudo que há sobre a terra
Foi assim que se criou:
Seja uma larva, um inseto,
Um homem, um rio, uma flor.

Lado a lado, amor e vida:
Novas vidas vão surgindo;
É o amor gerando a vida
E a vida se conduzindo
Pelos caminhos do amor,
E o ciclo se repetindo.

Muito temos que aprender
Com a própria natureza,
Mãe de tudo que existe,
Fonte de toda pureza,
Onde tudo se harmoniza
Com equilíbrio e beleza.

Nada há que se compare
Em pujança e em nobreza
Ao espetáculo da vida
Com toda a sua grandeza ,
Que provém do amor infindo
De nossa mãe natureza.

Onde o homem põe o fogo
Para queimar, destruir,

Vem a chuva e molha a terra,
Faz a vida ressurgir:
É a mão da natureza
Que não pára de agir.

Parece que compreende
Toda a nossa insensatez:
O homem chega e desfaz;
Ela refaz outra vez:
é o amor que não se esgota
contra a humana estupidez.

Quanta coisa devastada!
Quanta coisa destruída!
É o homem que não pára
Em sua busca suicida
De destruir com as mãos
O alicerce da vida.

Razões temos pra temer
O que ainda está por vir:
O homem se faz perito
Na “arte” de destruir;
A natureza reclama,

Mas ninguém parece ouvir.

Sujar a água dos rios,
Fazer da terá um monturo,
Poluir a atmosfera
É um salto no escuro;
É arruinar o presente,
Comprometer o futuro.

Toda e qualquer violência
Precisa ser evitada:
A natureza reclama,
De sofrer está cansada;
Vamos lutar pela vida
Que deve ser preservada.

Uma corrente de amor
Precisa ser construída,
Que seja forte, segura,
Que seja bela e fornida;
Uma corrente de todos,
Posta a serviço da vida.

Vamos lutar pelos rios,
Pela pureza do ar,
Pelo direito de rir,
Pelo prazer de amar;
Pela vida verdadeira
Que em breve brotará

Xingo maior não existe
Que o rótulo predador,
E é isso o que temos sido,
Destruindo com furor
Todas as formas de vida
Que a natureza criou.

Zelar sem pela vida
Será a nossa bandeira;
Basta de destruição!
Chega de fazer besteira!
Todos em defesa da vida
Pela vida verdadeira.
(SANTOS, 1999)

A astronomia, citada no anexo 7, é um tema muito comentado em 2009, por se tratar do Ano internacional da Astronomia, pois se comemoram, entre outros eventos, os 400 anos das primeiras observações telescópicas do céu, por Galileu Galilei. Eis mais um motivo para o uso do cordel com fins didáticos, como vemos no folheto da poetisa Lorena Braga Sales, escrito em septilha – ASTRONOMIA, A MARAVILHOSA CIÊNCIA CELESTE.

ASTRONOMIA, A MARAVILHOSA CIÊNCIA CELESTE

Há uma grande ciência
Que explica a noite e o dia
Que os astros, objetos
E fenômenos vigia,
Quando se trata do céu.
A ela tiro o chapéu;
Falo é da Astronomia.

Como somos curiosos
Pra saber onde é que estamos,
Descobrimos com a ciência
Locais que ao avistamos
Sem usar um instrumento
Que foi um grande invento
Pra chegar onde chegamos.

Temos hoje o telescópio;
Telescópio refletor.

Temos também a luneta;
Telescópio refrator.
Tipos muito utilizados
Por cientistas renomados
Ou leigo observador.

Não me esqueço do binóculo,
Este grande instrumento
Pelo qual nós descobrimos
Com grande encantamento,
Cometas e supernovas
E com isso temos provas
Do seu bom funcionamento.

Se você está curioso
Pra saber um pouco mais
Do sistema em que vivemos
É bom não cair pra trás,
Pois estas informações
São grandes revelações,
Para mim, sensacionais:

Eis o sistema Solar,

Composto do Sol, planetas,
Satélites, asteróides,
Meteoróides, cometas,
Meio interplanetário!
Não é nosso imaginário;
Pegue papéis e canetas!

Anote e guarde consigo
Este saber importante:
Se você acha o Sol grande,
'inda' está muito distante
de saber sua grandeza.
É enorme a natureza
Desta 'estrela gigante':

Noventa e nove vírgula
Oitenta e cinco por cento
Da matéria toda do
Sistema do qual comento!
Me diga agora, seu moço,
Não é mesmo um colosso
Que está no firmamento?!

É demasiado grande!
 Fonte de luz e calor
 Para a terra dá a vida,
 É o seu mantenedor
 Gera tanta energia,
 Com seus raios irradia,
 É um grande gerador.

Copérnico foi quem disse
 Que no nosso universo
 É o Sol que está no centro.
 Ptolomeu disse o inverso;
 Disse: o centro é a Terra!
 Criou-se então uma 'guerra'
 Por um conceito diverso.

Galileu foi o primeiro
 A descobrir e estudar
 Com uso do telescópio
 O universo estelar.
 Acusado de heresia
 Foi, por tudo o que dizia
 Sobre a Terra transladar.

Com o tempo aceitou-se,
 Passada a Inquisição,
 Que o Sol está no centro;
 Copérnico tem razão;
 É o centro do sistema,
 Comparando ao ovo, a gema.
 Do corpo é o coração.

Mas preste bem atenção!
 Com isso não desmereço
 A nossa querida Terra,

Por quem tenho grande apreço.
 Ela é muito querida,
 Onde vivemos a vida,
 O que ela dá, não tem preço.

Terra, terceiro planeta
 Deste sistema, o Solar.
 Vista pelos astronautas,
 Que gostam de viajar,
 É um globo branco e azul,
 Leste, oeste, norte e sul,
 Não importa de onde olhar.

Contrasta-se ao fundo negro
 Esta nave colorida,
 Que roda em torno de si
 E do Sol, por toda a vida,
 Em ciclos eternizados
 Por dias e anos passados
 De sua história comprida.

Trezentos e sessenta
 E cinco dias fazem
 Com que a grande nave Terra
 Complete sua viagem
 Que se chama translação.
 É bom ter essa noção,
 Conhecer esta engrenagem.

Da Terra podemos ver
 Um satélite brilhante
 Embora ele seja estéril,
 Muito seco e distante,
 Vemos em sua natureza
 Uma extrema beleza;

Não há nada semelhante.

Tal satélite é a Lua,
 Que da cheia à minguante,
 Passando por quatro fases
 Vai do breu ao diamante.
 Da Terra se pode ver
 Tal beleza acontecer.
 Pra todos é fascinante.

Mercúrio, Vênus e Terra,
 Marte, Júpiter, Saturno,
 Ainda há o Urano,
 E também há o Netuno.
 Por último está Plutão,
 É o mais distante, então.
 Todos passam por dois turnos.

Estudo esta ciência
 Porque gosto de olhar
 Pro céu e quero entender,
 Sobretudo observar
 Os fenômenos celestes,
 Pois as estrelas inertes
 Teimam sempre em me
 chamar.
 (SALES, sd)

Biografias de cientistas famosos estão ilustradas em cordéis, cujas capas se encontram no anexo 8, isso representa uma forma assaz agradável de os alunos, em sala de aula, conhecerem o gênio criativo e as ideias desses homens que mudaram a história da humanidade. Sabemos que conhecer a vida e a obra de qualquer personalidade se torna um pouco cansativo e monótono quando o texto é cursivo, o que não acontece com o cordel. Estudar Einstein⁵ e suas idéias, por exemplo, usando o texto em cordel, torna-se muito mais aprazível, como nos mostra o poeta cearense Eugênio Dantas de Medeiros, em seu cordel, escrito em septilha, O ANO MUNDIAL DA FÍSICA E O PAPEL DE SOBRAL NA TEORIA DA RELATIVIDADE, folheto lançado durante a 57ª Reunião Anual da SBPC, na cidade de Sobral - Ceará.

⁵ Apresentamos no XV SSBEC – SIMPÓSIO SUL BRASILEIRO DE ENSINO DE CIÊNCIAS, o artigo em banner: EINSTEIN NA LITERATURA DE CORDEL. Disponível no sítio www.fisica-interessante/einstein-literatura-cordel.html.

O ANO MUNDIAL DA FÍSICA E O PAPEL DE SOBRAL NA TEORIA DA RELATIVIDADE

Inspiração é que eu quero
Neste solene momento
Que celebra o centenário
De um grandioso evento
A da relatividade
Teoria que em verdade
Foi grande acontecimento.

Ano mundial da física
Dois mil e cinco será
E toda comunidade
Que produz ciência está
Festejando a teoria
Que abalou o mundo um dia
Negá-la quem ousará?

Esta comemoração
Tem como fim principal
Mostrar a força da física
Para este mundo atual
O que ela propicia
No campo da teoria,
No campo experimental.

No século vinte Einstein
Foi o maior cientista
Pois a face da ciência
Com o seu ponto de vista
Certamente ele mudou
Até Newton ele arruinou
Na tese relativista.

Ele nasceu lá em Ulm
Cidade da Alemanha
Nação cujo poderio
No mundo ninguém estranha
Tem filósofos, artistas,
Curiosos, cientistas
Que a humanidade ganha.

Na cidade de Munique
Seus estudos começou
Depois foi para a Itália
Onde também estudou
Não era aluno exemplar
Chegou a aulas faltar
Mas mesmo assim se formou.

Não sabia estar parado
Caminhava, pedalava,
Possuía um violino
O que muito bem tocava
Gostava de livrarias
E pra completar seus dias
Alguns museus visitava.

Gostava de matemática
Também de filosofia
Por ser muito curioso
Muitas perguntas fazia
Vivia imaginando
E assim fundamentando
A futura teoria.

Da luz na velocidade
Como será viajar?
E como um raio da luz
Nesta esfera contemplar?
Essas perguntas fazia
Porém ninguém respondia
Para ele se conformar.

Os professores diziam:
Einstein estuda mal
É um aluno de pouca
Agilidade mental
Ele é insociável
De conduta reprovável
No campo colegial.

O que eles queriam
Era Einstein escutar
Ele era inteligente
Gostava de perguntar
E sem saber responder
O que podiam fazer
Era dele debochar.

Einstein foi uma vítima
Do sistema opressor
Da educação alemã
Que na base do terror
Impunha u'a disciplina
De só valer quem ensina
Usando todo rigor.

Reunia-se com amigos
Pra ciências discutir
Também a filosofia
Costumava refletir
Em vez de conversas fúteis
Ou de assuntos inúteis
Que não fazem progredir.

E do seu tempo viveu
As grandes contradições
Lutou muito contra a guerra
Pela paz entre as nações
E por que era judeu
Igual aos outros sofreu
Várias discriminações.

Foi grande observador
Dos astros, do tempo e tudo
Era muito curioso
Embora fosse sisudo.
Seu tempo foi empregando,
Escrevendo, pesquisando
E dedicando ao estudo

E foi assim que Einstein
Criou sua teoria:
A da relatividade
Com muita sabedoria
Foi expondo os teoremas
E resolvendo os problemas
Que sua tese trazia.

Escreveu muitos artigos
Com muita tenacidade
Falando do movimento
Também da velocidade,
Pois em torno deste tema
É que girava o esquema
Desta relatividade.

Tudo está em movimento
No espaço sideral
Há várias velocidades
Nenhuma à outra é igual,
Pois são todas relativas.
Nas idéias criativas
Ele foi original.

A direção de um corpo
Em movimento depende
De onde a gente observa.
Pra onde é que ele tende?
O seu tamanho também
Fica além, ou fica aquém
Daquilo que a gente entende.

A percepção que nós temos
Do universo em geral
Também nem sempre é verdade
Ou a verdade total.
Com a relatividade
Dizer o que é verdade
Pode ser erro fatal.

Se um corpo se movimenta
Em alta velocidade
Ele parece menor.
Se nossa capacidade
Visual permitir ver
Nós iremos perceber
Que Isto é realidade.

O tempo, que é o tempo?
Que nos diz qual o momento?
Se é futuro ou passado,
Presente o deslocamento,
O que faz a distinção
Ou sua alteração
É questão de movimento.

Se mais veloz que a luz
A gente pudesse andar
Logo o nosso passado
A gente iria alcançar
E os fatos do futuro
De modo certo e seguro
Iria presenciar.

E por que os corpos caem?
O que dizia a ciência?
São puxados para baixo
Parecia coerência.
Einstein então responde
Os corpos caem para onde
Não encontram resistência.

Se o corpo tem muita massa,
Seja mole seja dura,
Cria próximo de si
Uma longa curvatura,
Digamos mais explicado,
Cria um buraco a seu lado

Que ninguém sabe a altura.

E tudo que estiver
Dessa massa aproximado
Como a terra, por exemplo,
Tem seu mover-se atrelado
Em torno desta ladeira
Porque esta é a maneira
Mais fácil de ser guiado.

Movimento me linha reta
Não há, diz a teoria,
Ao passar pela ladeira
O raio da luz se desvia.
Isso será comprovado
Por quem tiver observado
Eclipse durante o dia.

Esta nova teoria
Fez Einstein afamado
Pelas universidades
Ele era convidado
Pra teoria explicar
Também para trabalhar
E deu conta do recado.

Dizia: ao lado da sogra
Ou em uma chapa quente
Passe você meia hora
Veja como é diferente

Se esse tempo passar
Agarrado a namorar
Passa que você nem sente!

Esta nova teoria
Devia ser comprovada.
Sabem onde aconteceu?
Numa terra abençoada,
Foi no ano dezenove
Toda Sobral se comove
Vendo a tese demonstrada.

Pra ver o sol o eclipse
Os cientistas vieram
Da Europa, da América
E todos atentos eram.
Comprovada a teoria
Foi imensa a alegria
Que todos eles tiveram.

Se Sobral no Ceará
Foi quem teve esta glória
De ver essa teoria
Comprovada pra história,
Do fato fenomenal
De Einstein e de Sobral
Festejemos a memória!
(MEDEIROS,2005)

O anexo 9 traz capas de folhetos do poeta piauiense Pedro Costa. O destaque a esse poeta se deve não somente ao fato de ser o único piauiense a fazer parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com sede no Rio de Janeiro, mas, principalmente, por ter publicado cerca de trezentos folhetos, muito deles cordéis didáticos / informativos, como se vê no anexo em questão. Pedro é o editor chefe da revista DEREPEENTE (anexo 10), único periódico do gênero (cultura popular e cordel) no País.

Observa-se, neste anexo, que foi matéria de capa da revista nº70, de novembro de 2008, o projeto desenvolvido em Teresina, em escolas estaduais, intitulado CORDEL NAS ESCOLAS, financiado pelo Ministério da Cultura do Governo Federal. Tal projeto visa levar a Literatura de Cordel às escolas e às crianças mais carentes, ensinando alunos a produzirem cordel, com vistas a melhorar não somente o conhecimento da cultura local, como também desenvolver a rapidez de raciocínio que o gênero proporciona.

Este tópicu mostrou a diversidade, a musicalidade, a forma agradável de leitura que a literatura de cordel proporciona aos seus leitores, sobretudo em sala de aula, isso porque a rima cadenciada do cordel, seja em sextilha, septinha ou em décima, faz que o estudante e até mesmo o professor assimilem melhor o conteúdo ministrado, diferentemente do que conceitua, de maneira irresponsável, o Dicionário Brasileiro Globo: **CORDEL**, *s.m.* Corda fina; guita; barbante; cordão; *literatura de cordel*: livros e folhetos populares, que em geral se expõe à venda pendurados em cordéis; (*fig.*) obras literárias de pouco ou nenhum valor. (PI: *cordéis.*) (FERNANDES, 1999)

Carlos Drummond elegeu, como visto anteriormente, um cordelista como o maior poeta que lera; o projeto Cordel nas Escolas conquistou três prêmios de cultura em nível nacional; o folheto Romance do Pavão Misterioso, de José Camelo de Melo Resende, virou peça de teatro e música de mesmo nome, com o cantor Ednardo; existem dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o tema, seja usando o cordel para letramento, recreação ou, de acordo com este trabalho, como material cognitivo em sala de aula; O Auto da Compadecida, obra-prima do escritor acadêmico Ariano Suassuna, inspirou-se no cordel As Proezas de João Grilo, do poeta João Martins de Athayde; João Cabral de Melo Neto escreveu Morte e Vida Severina, um clássico da Literatura Brasileira, em cordel; A Quenga que Matou o Delegado é um cordel de Klevisson Viana e virou minissérie da tevê; Luiz Gonzaga (O Rei do Baião) gravou A Triste Partida, do cordelista Patativa do Assaré, a qual é considerada pelo próprio Gonzaga como uma das três músicas de referência em seu repertório de quase 800 músicas; na França, a Université de Poitiers criou o Fonds Raymond Cantel para estudo exclusivo da literatura de cordel brasileira. Ademais, publicações nacionais, como Revista de História da Biblioteca Nacional, BRASIL – Almanaque de Cultura Popular, Discutindo Literatura e Continente (anexo 11), deram destaque de capa para as reportagens sobre literatura de cordel. Portanto, diante do exposto, convém desconsiderar o conceito sobre o verbete que aquele dicionário apresenta.

1.3.4 A RIMA

Do latim *rhythmus*, grafado também *rhythmus*, designa movimento regular, cadência harmoniosa e compassada. Por sua vez trazida do grego *rhuthmós*, no qual, além de todos esses significados, tinha também o de medida, presente em versos cuidadosamente metrificadas. Passou às línguas neolatinas variando a grafia, de que são exemplos o italiano, o espanhol e o

português, idiomas aos quais chegou entre os séculos XIV e XV. O inglês e o alemão *reim* datam do século XIII. O francês *rime* é o mais antigo, tendo seu primeiro registro em 1160. A revolução da grafia do vocábulo pode ser aferida em *rythmas* (1595), título da obra póstuma de Luís Vaz de Camões, entretanto alterada para edição de (1598), já é grafada *rimas* (1598). (SILVA, 2004 apud CAMARGO, 2007)

A rima (FREITAS-2003 apud CARDOSO-MARTINS, 1994) pode ser definida como a igualdade entre sons das palavras desde a vogal ou ditongo tônico até o último fonema (boneca – caneca). Dessa forma, ela pode englobar não só a rima da sílaba (café – boné), como também uma sílaba inteira (salão – balão) ou mais que uma sílaba (chocolate – abacate). Em palavras oxítonas, a rima é um elemento intrassilábico, reconhecida através da distinção ataque-rima (mão – pão). A identificação consciente e o isolamento da unidade sonora que rima é mais fácil para palavras oxítonas do que para paroxítonas (sorvete – tapete). A percepção da rima em monossílabos desenvolve-se antes do que em dissílabos ou polissílabos paroxítonas. Isso pode estar relacionado ao fato de monossílabos apresentarem a rima

Segundo Goswami e Bryant (1990), a rima parece ser parte natural e espontânea do desenvolvimento lingüístico, um nível de conhecimento fonológico elementar (RUEDA, 1995). Desde cedo, as crianças estão em contato com rimas, através de músicas, brincadeiras, livros infantis, o que possibilita que elas identifiquem e produzam rimas antes de ingressarem na escola. Estudos realizados com crianças pequenas têm demonstrado que elas reconhecem rimas e aliterações. Treiman e Zukowski (1996), por exemplo, demonstraram que crianças de 3 e 4 anos são capazes de produzir rimas. Já Ducan, Seymor e Hill (1997) afirmam, baseados em uma pesquisa longitudinal, que crianças pré-alfabetizadas apresentam consciência relacionada à rima. (FREITAS, 2003).

Muter, Hulme, Snowling e Taylor (1998) apontam para o fato de que a rima promove a consciência de ataque-rima e influencia o uso de analogias em atividades de soletrar. No entanto, esses autores afirmam que habilidades iniciais em rimar não são determinantes de habilidades iniciais em leitura. Nesse sentido, Roazzi e Dowker afirmam que rimas e aliterações levam a

criança a se interessar por aspectos da linguagem, o que pode ser importante para a leitura. (FREITAS, 2003)

Com a rapidez de memorização que a rima permite, constrói-se a percepção logográfica⁶. Outro exemplo de conexão da memória logográfica encontra-se nas paródias, nas músicas de *Hip hop*, na produção oral dos artistas repentistas, nos enredos de escolas de samba, nas histórias infanto-juvenis rimadas, nos livros infantis, nas cantigas de ninar, nos anúncios e nas propagandas e nas piadas engraçadas. (CAMARGO, 2007, p.60).

A rima está presente em todos os meios de informação, na propaganda, nos anúncios, no dizer popular, nas orações, na música, na poesia e nas diferentes tipologias textuais, inculcando, diariamente, verdades, que não poderiam ser ditas sem o uso de metáforas. (CAMARGO, 2007).

Motivos de ordem psicológica, didaticamente aproveitados, cooperaram na vulgarização da rima: a repetição de sons facilita a memorização dos textos. Juan del Ensina julgou conveniente relembrá-lo: *muy mejor sentimos de lo que va cantando por consoantes que em outra manera*.

Curiosa aplicação dos efeitos mnemônicos da rima pode ser notada no teatro shakespearino, em que os consoantes, não usados regularmente, aparecem nos fins de cena e de atos para, de certo modo, ligar as mudanças de tempo e ambiente à continuidade da ação dramática, não interrompida, então, como na técnica moderna, por intervalos ou mudanças de cenário. Onestaldo de Pennafort, em nota a sua tradução de *Romeo and Juliet*, registrou exemplos de “rimarem o último verso de uma cena com o primeiro de outra”, estabelecendo-se, pela consonância, a conexão entre os dois períodos. O estudo da função rítmica no teatro medieval francês revela que a conformidade fonética, nos finais dos versos, auxiliava os intérpretes, encadeando as réplicas, à guisa de “deixas”, como notou E. Roy, em comentário à técnica dos mistérios. Ainda hoje aproveitam-se os efeitos da rima para insinuar a preferência por determinados produtos comerciais, anunciados em *slogans* facilmente memorizáveis. (NOBREGA, 1965, p.12)

Todos nós, sem exceção, lembramos-nos de algum versinho rimado de infância, seja “batatinha quando nasce ...”, ou “atirei o pau no gato ...”, ou “ciranda cirandinha ...”. Na escola, por diversas vezes, os estudantes fazem uso da rima para “decorar” fórmulas de física, química, matemática ou teorias de qualquer outra matéria. Nesse aspecto, uma das rimas mais conhecidas do mundo escolar é a do seno da soma: ***minha terra tem palmeira/ onde canta o sabiá/ seno a cosseno b/ seno b cosseno a***. De maneira um pouco mais sofisticada, temos os versos rimados

⁶ LOGOGRAFIA – [Do gr. *Logographía*.] S. f. V. *estenografia*.

ESTENOGRAFIA – [De *esten(o)*- + *-graf(o)*- + *-ia*.] S. f. Escrita abreviada e simplificada, na qual se empregam sinais que permitem escrever com a mesma rapidez com que se fala; taquígrafia; logografia. (FERREIRA, 1986)

para o coeficiente de restituição das colisões: *coeficiente de restituição/ não dá pra esquecer/ é v' menos v'/ sobre v menos v/ se em cima for BA/em baixo é AB.*

O Professor Pachecão, no final da década de 1990, gravou CDs com músicas alusivas a fórmulas de física. Citamos, a seguir, um exemplo de letra do CD Odeio Física: a canção Vou Ler o Seu Aparelho. Cantada em ritmo de rock, ela se refere à fórmula $Ri = V$, das lições sobre eletricidade, sendo R a resistência elétrica, i a corrente e V a diferença de potencial de um determinado circuito elétrico. Observamos que estes versos rimados não seguem a métrica do cordel.

"Toda vez que você vê

Um círculo à sua frente

Primeira coisa a fazer

É resistor equivalente

E depois você Ri

Que é para achar a corrente

Você Ri, Você Ri

Na primeira acho V

Na segunda acho i."

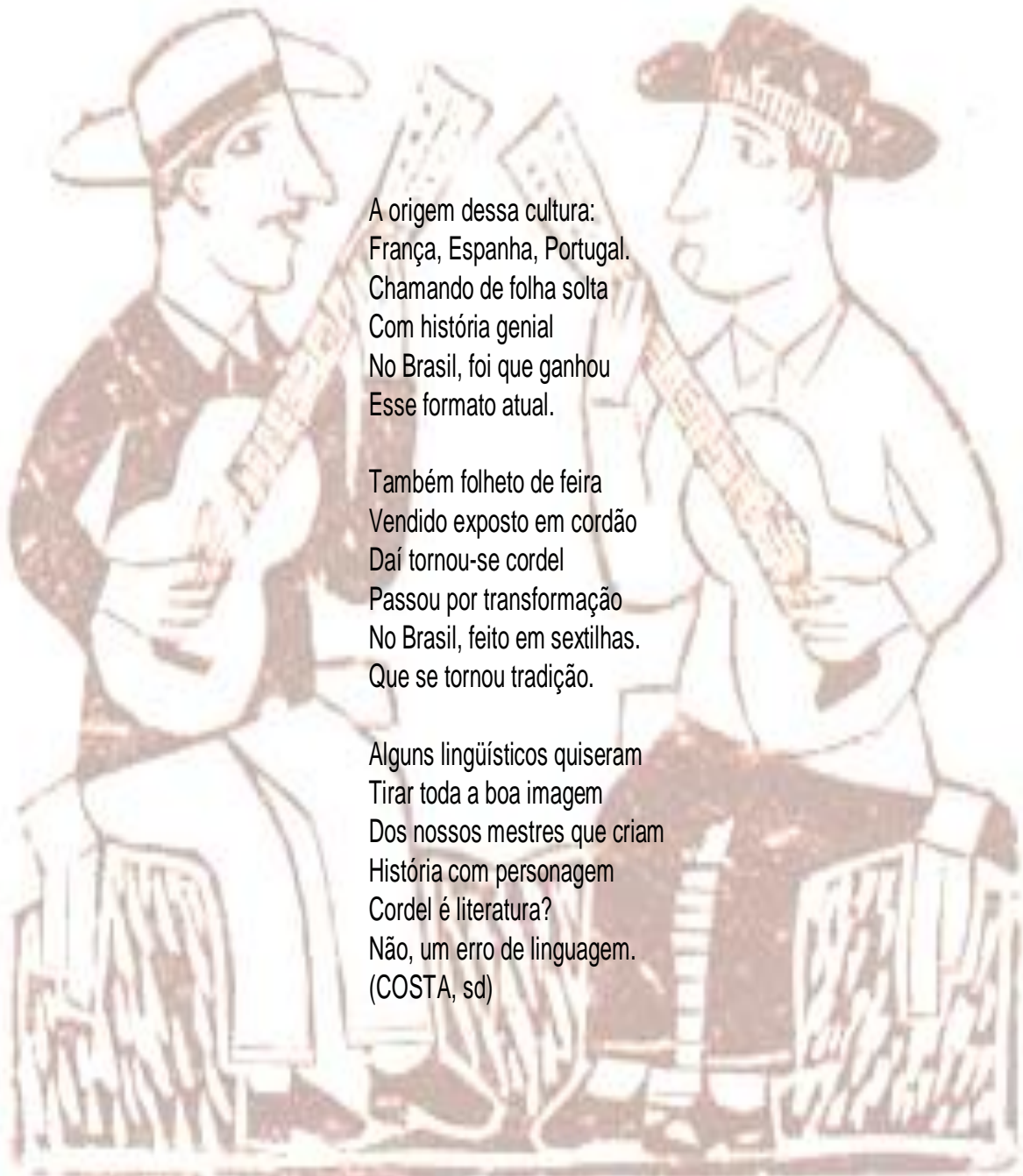
Para o cordel, podemos chamar de rima exata aquela que tem sons semelhantes no final de dois ou mais versos, ou seja, a repercussão da vogal tônica na última palavra dos versos. Pode também ocorrer a uniformidade de sons no início ou no meio do verso seguinte, em relação ao final do verso precedente, ou, ainda, a harmonia de sons em palavras dentro do mesmo verso. (VIANA, 2006, p.40).

Egan (apud FARIAS, 2006) menciona a rima do cordel como facilitador de conhecimentos recordados.

A rima, por exemplo, foi amplamente difundida, pois o conhecimento era mais facilmente recordado. Os sons padronizados ajudam a ancorar as histórias nas mentes dos ouvintes. A literatura de cordel constitui-se em um desses exemplos, com suas histórias e versos rimados. (FARIAS, 2006, p.36)

Por conhecermos esse viés nada acadêmico, mas útil para os estudantes, surgiu a idéia desta pesquisa. Nosso intento é demonstrar que a rima, em particular a rima do cordel, pode servir como um instrumento pedagógico poderoso na aprendizagem dos alunos. Para isso, pesquisamos diversos trabalhos sobre cordel relacionados à sala de aula, os quais seguem a linha qualitativa, usando o cordel com ludicidade e recreação, embora nosso intuito seja o de mostrar, que, de fato, a rima e o cordel são eficazes na aprendizagem e memorização de assuntos de ciência, no ensino fundamental. Desse modo, usamos, neste trabalho, métodos quantitativos para mostrar que o cordel e sua rima melhoraram significativamente a memorização e, por conseguinte, o aprendizado dos alunos pesquisados.

CORDEL II - METODOLOGIA DA PESQUISA



A origem dessa cultura:
França, Espanha, Portugal.
Chamando de folha solta
Com história genial
No Brasil, foi que ganhou
Esse formato atual.

Também folheto de feira
Vendido exposto em cordão
Daí tornou-se cordel
Passou por transformação
No Brasil, feito em sextilhas.
Que se tornou tradição.

Alguns lingüísticos quiseram
Tirar toda a boa imagem
Dos nossos mestres que criam
História com personagem
Cordel é literatura?
Não, um erro de linguagem.
(COSTA, sd)

Esta pesquisa foi realizada na escola particular Instituto Antoine Lavoisier de Ensino, na 7ª série do ensino fundamental, modalidade regular. A escola é de classe média e está localizada no centro – sul de Teresina-PI. A escola foi escolhida devido à facilidade que nós temos de acesso a ela. Esta faz parte do Grupo Anglo de Ensino, ao qual integro como diretor. A série, por conseguinte, foi escolhida por ser tratar de série intermediária do ensino fundamental, facilitando, em parte, a entrevista ilustrativa que foi realizada com os alunos. E o assunto “Aparelho Excretor” por ser este exíguo e, portanto, rápido de ser ministrado, pois assim teríamos resposta e resultados a contento quanto à verificação da pesquisa.

Usamos o capítulo 9 (Excreção: a eliminação das sobras) do livro texto usado regularmente em sala de aula e pedimos ao poeta cordelista Pedro Costa que versificasse o capítulo, usando, com fidelidade, as características da literatura de cordel (rima, metrificação). Pedro realizou o pleito em 28 estrofes, no estilo mais clássico e mais usado pelos poetas cordelistas - a sextilha. (ANEXO 1)

Usamos, na pesquisa, o método quantitativo, que, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc. (RICHARDSON, 1999, p.70). O pesquisador quantitativo faz uso de instrumentos de medida (e.g. teste, questionários), seleciona amostras, aplica tratamentos, procura correlações, faz inferência, usa testes estatísticos, busca validade interna e externa. (MOREIRA, 1990).

Usamos também a entrevista ao final da pesquisa, sabendo que a entrevista é um recurso para a coleta de dados da pesquisa qualitativa; mas nossa intenção, com esse instrumento, era a verificação da afetividade dos alunos para com o método. Portanto, a entrevista não era o método-foco da pesquisa. “Os dados podem tomar a forma de transcrições de entrevistas gravadas com o uso do gravador, anotações de campo em protocolos de observação, diário de campo das interações do dia-a-dia na sala de aula, documentos, fotografias e outras representações gráficas”. (CALEFFE, 2006, p.165).

Para a realização da pesquisa, adotamos o suporte do delineamento experimental, com algumas mudanças realizadas ao longo do trabalho de campo.

A 01 X 02
A 03 04

Nesse delineamento trabalha-se com dois grupos e os sujeitos da pesquisa são designados *aleatoriamente* a um deles (este é o significado do A). Aplica-se um pré-teste a ambos os grupos (01 = 03), i.é., “observa-se” os grupos antes de manipular a variável X. Um dos (grupo experimental) é então submetido ao tratamento X e o outro (grupo de controle) não. Após, aplica-se o pós-teste (02 = 04) a ambos os grupos. Na prática, o pré e o pós-teste podem ser iguais; diferenças entre os resultados do pré e pós testes em ambos os grupos (02 – 01 e 04 – 03) podem fornecer evidências sobre o efeito do tratamento X. (CAMPBELL, STANLEY apud MOREIRA, 1990, p. 14)

O pré-teste não é condição essencial para que um delineamento seja verdadeiramente experimental (Campbel, Stanley apud Moreira, 1990, p.15); portanto, por razões explicitadas mais à frente, optamos por não usá-lo.

Citando ainda Moreira (apud KERLINGER, 1980, pp.94 e 125),

“Um experimento é uma pesquisa onde se manipulam uma ou mais variáveis independentes e os sujeitos são designados aleatoriamente a grupos experimentais (...) é um estudo no qual uma ou mais variáveis independentes são manipuladas e no qual a influência de todas as variáveis relevantes possíveis, não pertinentes ao problema da investigação, é reduzir a um mínimo”.

Com este aporte, tomamos as duas salas de aula da 7ª série (turmas A e B), sendo que a turma A tem as notas, ao longo do 1º semestre letivo de 2008, superiores às notas da turma B. Sabendo desse fato, através das fichas de avaliação da professora de Ciências, esquivamos-nos do uso do pré-teste, pois achamos desnecessário, haja vista que já tínhamos o posicionamento do nível dos alunos das turmas em tela, no tocante às notas.

Em uma das reuniões de planejamento com a professora, decidimos que a turma de notas mais baixas (turma B) seria o grupo experimental, ao qual aplicaríamos o texto rimado sobre o assunto Excreção. A turma A seria então o grupo de controle, com o qual iríamos fazer as comparações, após aplicarmos o método na turma B. O assunto Excreção, como já informamos, foi escolhido por ser um tanto exíguo, sendo, portanto, rapidamente ministrado, o que evitaria

que as duas turmas tomassem conhecimento da pesquisa, pois a turma B não sabia que estava sendo alvo de uma pesquisa de dissertação de mestrado. Tudo foi feito em sigilo para com os alunos.

Numa manhã, conforme o planejamento, a professora ministrou aula sobre o tema escolhido para a pesquisa, usando normalmente o livro didático nas duas turmas. Como nesse dia haveria aula de ciências com as duas turmas, não seria percebido nada de diferente pelos alunos. O assunto estava, cronologicamente, no momento de ser ministrado, conforme o planejamento da professora, que concluiu o assunto, nas duas turmas, usando o texto cursivo do livro adotado. Na turma B (grupo experimental), a professora, antes de concluir a aula, distribuiu o texto versificado aos alunos, que o leram, sendo que, conforme nossa sugestão, fizessem primeiro a leitura individual e depois a coletiva, sendo cada estrofe lida por um aluno diferente. Depois a professora avisou em ambas as salas que, na aula seguinte (dois dias depois), ela iria fazer uma atividade sobre o assunto ministrado, pedindo aos alunos da turma B (grupo experimental) que estudassem o texto versificado.

Chegado o dia da avaliação, às 7h, a professora aplicou um teste de múltipla escolha com dez questões, cada uma com quatro alternativas, conforme anexo 2, em ambas as turmas. Ela aplicou pessoalmente o teste na turma A (grupo de controle), pois era seu horário normal de aula. Na turma B (grupo experimental), pediu-se ao professor do horário que aplicasse o teste.

O teste foi aplicado concomitantemente nas duas turmas para que uma não deixasse vaziar a informação para a outra de que, naquele dia, a professora de Ciências aplicaria uma “prova”, conforme expressão dos próprios alunos, como também para que os estudantes não comentassem o conteúdo do teste entre si.

Após a aplicação, a professora nos enviou os testes com o referido gabarito, os quais corrigimos manualmente e verificamos, através de métodos estatísticos, a validade da proposta. Depois disso, entrevistamos seis alunos, sorteados aleatoriamente (as questões da entrevista estão no apêndice 2)

Nosso intuito com a pesquisa era a análise de dados quantitativos para uma avaliação cognitiva da validade do método empregado,

[...] ensino tem sempre como objetivo a aprendizagem e, como tal, perde significado se for tratado isoladamente. Entretanto, a aprendizagem é uma atividade idiossincrática que pode não ser consequência necessária do ensino recebido. Por outro lado, para saber se houve ou não aprendizado é preciso avaliá-la. (MOREIRA, 1990, P.08)

A entrevista buscou, como objetivo, verificar se os alunos já tiveram contato ou não com o cordel em sala de aula e o que eles acharam de ter estudado o corpo humano, mais especificamente, o sistema excretor, usando um texto versificado. Não era exploratória conclusiva, mas achamos interessante ver um pouco da afetividade nos depoimentos dos alunos envolvidos no experimento.

CORDEL III – RESULTADOS DA PESQUISA

Entre o cordel e o repente
Há diferença infinita;
São duas formas distintas,
Uma oral e outra escrita;
A escrita é mais perfeita
A oral é mais bonita.

A poesia que se edita
Ao vernáculo é mais fiel,
A oral não perde tempo
Com caneta nem papel;
A oral é o repente,
A escrita é o cordel.

Uma doce como mel,
Outra pua como a flor;
Uma vaza do intelecto
Do modesto cantador,
Outra agita a mão febril
Do poeta sonhador.
(JOAMES, 1998)

3.1 DADOS QUANTITATIVOS

Os resultados desta pesquisa foram obtidos, como já mencionamos, através de um teste com 10(dez) questões de múltipla escolha, contendo cada questão 4(quatro) alternativas. Os testes foram corrigidos por mim, mediante gabarito fornecido pela professora de Ciências.

A estatística dos dados foi realizada pela equipe de apoio do Departamento de Estatística da ULBRA. Procedimentos estatísticos são praticamente indispensáveis à pesquisa quantitativa em ensino, na medida em que auxiliam o pesquisador a descrever dados, fazer inferências e investigar relações causais. Em outras palavras, tais procedimentos são recursos dos quais lançam mão para transformar (i.é. traduzir, representar, comparar, inferir) registros de eventos. A partir dessas transformações, o pesquisador chega, então, às asserções de conhecimento e de valor. (MOREIRA, 1990).

O método estatístico utilizado foi o teste de distribuição t, que é um tipo de prova estatística de comparação entre médias para verificar se existe diferença significativa entre elas, tendo sido idealizado por William Sealy Gosset (1876 – 1937) no Laboratório de Biometria do University College de Londres (CALLEGARI-JACQUES, 2003). O teste ficou popularizado com o nome de teste t de Student, pseudônimo usado por Gosset quando da publicação do seu artigo “The Probable Error of a Mean”, de 1908. O teste foi aperfeiçoado por R.A. Fischer, em 1926 (CALLEGARI-JACQUES, 2003).

Após o uso do teste t de Student, confeccionou-se a tabela a seguir, na qual estão relacionadas todas as notas dos alunos da turma A(grupo de controle) e da turma B(grupo experimental), ambas da 7ª série do ensino fundamental. Observam-se, na primeira coluna da tabela, que as variáveis são as notas dos alunos das turmas A e B; na terceira coluna, está a quantidade de alunos por turma (a variação no número de alunos de um bimestre para outro se deve a transferência, desistência ou trancamento de matrícula); na quarta coluna, o desvio-padrão de cada turma; na quinta, a variação de diferença de média e, na última coluna, o mais importante, dentro da óptica estatística, a significância dos dados a um percentual de 5%.

Após a análise dos dados, o apoio estatístico redigiu o relatório que vem adiante da tabela.

Estatísticas descritivas por turma

Variável	Turma	n	Média	Desvio-padrão	IC – 95% para diferença de médias	p
Nota mensal - 1º Bimestre	Turma A	42	8,2	1,5	[0,28; 1,52]	0,005
	Turma B	45	7,3	1,4		
Nota bimestral - 1º Bimestre	Turma A	42	7,6	1,6	[0,53; 1,97]	0,001
	Turma B	45	6,3	1,8		
Média 1º Bimestre	Turma A	42	7,9	1,4	[0,46; 1,97]	0,001
	Turma B	45	6,8	1,5		
Nota mensal - 2º Bimestre	Turma A	42	8,0	1,6	[0,15; 1,57]	0,018
	Turma B	44	7,1	1,7		
Nota bimestral - 2º Bimestre	Turma A	42	7,5	1,6	[0,09; 1,54]	0,028
	Turma B	45	6,7	1,8		
Média 2º Bimestre	Turma A	42	7,8	1,5	[0,23; 1,60]	0,010
	Turma B	45	6,9	1,7		
Média pós-método *	Turma A	35	6,7	2,0	[- 0,95; 0,87]	0,923
	Turma B	37	6,7	1,9		

- IC -95% = Intervalo de Confiança 95%.

* O método foi aplicado somente na turma B, sendo a turma A o grupo controle.

**A nova metodologia foi aplicada na turma B, ficando a turma A como grupo controle. Isso foi feito para que fosse efetuada a comparação das médias obtidas pelos alunos das 2 turmas e assim, verificar se houve uma interferência do novo método no desempenho dos alunos da turma B que apresentavam médias inferiores às médias da turma A. Foi utilizado o teste t de Student para comparação das médias de amostras independentes (turmas A e B), estabelecendo um nível de significância de 5% para os testes.*

A nota média mensal do 1º bimestre para a turma A foi de 8,2 pontos, com uma variação de 1,5 pontos em torno desse valor, e, para a turma B, foi de 7,3 pontos, com uma variação de 1,4 pontos em torno desse valor. Idem para as demais variáveis...

Pelo teste t de Student, a 5% de significância, verificou-se que as turmas apresentam diferenças significativas nas notas médias mensais e bimestrais, sendo que a turma A apresentou melhor desempenho em todas as variáveis analisadas (nota mensal, nota bimestral e média). Entretanto, após a aplicação do novo método na turma B, verifica-se que as médias das turmas não difere significativamente, ou seja, o novo método equilibrou os desempenhos das turmas ($p = 0,923$).

Portanto, após análise dos dados bruto e estatísticos, comprovou-se a eficácia do método empregado, conforme descrevemos na metodologia. A outra parte da análise do método foi efetivada mediante uma entrevista com 6(seis) alunos da turma B(grupo experimental).

3.2 DADOS QUALITATIVOS

Nossa pesquisa tem cunho eminentemente quantitativo, mas julgamos procedente a análise qualitativa do método para uma verificação da afetividade dos alunos quanto ao seu uso. Assim, lançamos mão da entrevista oral, gravada em mp3, a qual é muito usada em quase todas as disciplinas das ciências sociais e na pesquisa educacional como técnica chave na coleta de dados (CALEFF, 2006).

Sorteamos 10(dez) alunos da turma B (grupo experimental) para a entrevista, mas somente 06(seis) se dispuseram a falar. Usamos um roteiro (apêndice 2) para orientar o trabalho qualitativo.

Todos os entrevistados afirmaram que já conheciam o cordel, seja do SALIPI (Salão do Livro do Piauí), seja em casa, com a mãe (aluno 5; a mãe é professora de Português na rede municipal de ensino) ou em outra escola, onde a professora usava o cordel como atividade recreativa.

Todos os entrevistados responderam negativamente à pergunta: Você já havia assistido a aula(s) em que o professor(a) utilizava literatura de cordel? Portanto, o uso da rima como instrumento pedagógico, foi novidade para todos.

Quando perguntamos o que eles tinham achado de ter estudado sistema excretor usando o cordel, quase todas as respostas foram equivalentes, a citar:

Aluno 1

“Achei legal. Alguns alunos, que não entendem o assunto total, a literatura de cordel pode ajudar um pouco.”

Aluno 2

“Interessante, as rimas do cordel ajudam.”

Aluno 3

“Ótimo, é mais fácil de aprender”

Aluno 4

“Gostei, é uma maneira nova, disseram que era melhor pra aprendizagem. Vai subir minhas notas também, eu vou aprender mais”

Aluno 5

“É muito bom o cordel, que a pessoa vai aprendendo, vai desenvolvendo. À medida que a pessoa estuda, a pessoa vai tendo vontade de aprender cada vez mais, porque o cordel ajuda a pessoa a aprender. A pessoa vai aprendendo a tocar como repentista, fica ligado naquilo, facilita muito”.

Aluno 6

“Eu acho que o livro detalha mais, explica mais. O texto de cordel é melhor, mas só que no livro, como vem ali a foto, eles retratam melhor o que vêm explicando.”

O aluno 6 mostrou, durante a entrevista, uma preocupação com as fotos do livro texto, coisa que o cordel, em geral, não tem; mas, sobre a facilitação do texto versificado, disse: “Facilitou pelo modo como ele trata a coisa. “

Quando foi pedido para fazerem uma comparação entre o texto cursivo do livro didático e o texto em versos, os alunos em geral tiveram dificuldades de responder, mas podemos citar, como exemplo, a resposta do aluno 1: “*Quando está na aula e não é literatura de cordel, a*

professora explica só o assunto mesmo. Aí com a literatura de cordel, a gente fica com a explicação da professora, mas também tem o apoio dessa literatura que facilita o aprendizado”

Somente o aluno 5 fez menção à rima durante a entrevista. Quando foi arguido sobre o que ele achou de ter usado tal metodologia, respondeu: “ótimo”. Indagamos: Ótimo por quê? A resposta foi: “É mais fácil de aprender”. Insistimos: Por causa de quê? Resposta: “**Da rima; explica bem explicadinho**”.

Como citado, a entrevista aqui realizada teve um cunho mais ilustrativo do que conclusivo para a pesquisa. Até porque são crianças de 12 anos e a dificuldade de resposta obviamente é inerente da idade. Os alunos sorteados para a entrevista que não compareceram alegaram que estavam com medo, pois alguns comentaram que era uma prova oral. Mesmo com a ausência deles, e com as respostas eximas, verificou-se, com esta entrevista, que o cordel chama a atenção dos alunos, os quais afirmaram que, com ele, haverá uma melhoria da aprendizagem.

CORDEL DE ENCERRAMENTO – CONCLUSÃO

Versificado pelo Poeta Pedro Costa

Cordel é a literatura
Popular, para-didática
Professor pode passar
Ao aluno qualquer temática
Uma aula dada em cordel
É compreensiva e mais prática.

Vai além da matemática
História, geometria,
Política, meio ambiente,
Ciência, geografia,
Comunicação e física
Direito e anatomia.

Os fatos do dia a dia
Das cidades ao pé da serra,
A Escritura Sagrada,
Os danos de uma guerra
O cordel tem registrado
Desde criação da terra.

Universo da poesia
Expressa todos os saberes
Os preconceitos e conceitos
Dos homens e seus deveres
As virtudes e as malélicas
Impostas pelos poderes.

Caros amigos professores
Sejam mais objetivos
Usem esses elementos
Técnicos e mais conclusivos
Esses métodos na escola
São significativos.

Falamos de etnias,
E da miscigenação,
De todos os povos do globo
Formando uma coesão
Linguística e praticada
Nos centros de educação.

Caro amigo professor
Trabalhe essa poesia
Seus versos têm um tamanho
Formando uma melodia
O aluno memoriza
Com bastante maestria.

No cordel você aprende
Os signos, meses e semestres,
O passado e o presente

Caatingas, brejos e campestres,
Nem a ciência descobre
A inteligência dos mestres.

Você que ama a cultura
Se envolva e colabore
Organize-se em grupo
Pesquise mais e melhore
No cordel revela tudo
Que existe no folclore.

Parabenizo a quem busca
Por esta grande investida
Dentro da sala de aula
Nosso cordel se consolida
Devido às diversidades
Os poetas ganham à vida.

Vamos usar o cordel
Caro mestre professor
Ele tem um conteúdo
Pedagógico de valor
Compreensivo e dinâmico
Também facilitador.

Uma aula em cordel
O professor sintetiza
O artigo e o sujeito,
O aluno se instrumentiza
Confirma esse resultado
Feito nessa pesquisa.

Devido à coerência
Do texto versificado
Torna-se a aula atrativa
O assunto bem humorado
O aluno aprende fácil
É eficaz o aprendizado.

A poesia de cordel
É uma verdadeira fonte
Sábia e genuinamente
Pode formar uma ponte,
No ensino de aprendizagem
Rumo a um novo horizonte.

Num Brasil de futebol
De novela e gafeira,
Samba, pagode e forró,
Cangaço e mulher rendeira,
O Cordel é uma Cultura
Puramente brasileira.

REFERÊNCIAS

Tenho dito e repetido
Até de maneira enfática
Que o CORDEL na escola
Tem utilidade prática,
Auxilia e complementa
Como nova ferramenta
De função paradidática.

Quando a aula é feita em versos
A turma toda se anima
Até os mais inibidos
Se deixam levar no clima
Da interatividade,
Pela musicalidade
Da métrica e do som da rima.

Toda essa intimidade
É porque os tais livrinhos
Falam como nós falamos
E do jeito dos vizinhos,
Assim a aula é de festa
Quando uma classe se presta
A compor seus folhetinhos.
(MONTEIRO,2003)

ACOPIARA, Moreira de. **Nos caminhos da educação**. Literatura popular em versos. São Paulo, 2003. s/e.

ANDRADE, Carlos Drummond. Leandro, o Poeta. **Jornal do Brasil**, 9 de setembro de 1976. Disponível em: [HTTP://potyguar.com.br/literaturadecordel/index_arquivos/leandrogomesdebarros.htm](http://potyguar.com.br/literaturadecordel/index_arquivos/leandrogomesdebarros.htm). Acesso em: 23 de agosto de 2008

ANTUNES, Celso. **A criatividade na Sala de Aula**., Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. fascículos 14

ANTUNES, Celso. **Professores e professores**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Primeiros Passos).

BRITO, William. **A História do Cordel nos Dez de Galope por William Brito**. Crato: Gráfica Coisas do meu sertão, 2005.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988 / organização textos e notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira. 11 ed. atual e ampl. – São Paulo : Saraiva, 1995.

CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP e A editora. 2006.

CALLEGARI-JACQUES, Sídia M. **Bioestatística**: princípios e aplicações. Porto Alegre: Artmed. 2003.

CAMARGO, Heloiza Schettert. **A rima como estratégia cognitiva no, letramento de jovens e adultos**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba., 2007.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil** – Leitura Crítico – compreensiva artigo a artigo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CATENACCI, Vivian. **Cultura popular: entre a tradição e a transformação**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574. Acessado em 17 de novembro de 2008.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. n. 16(1995)

CHAUI, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993

COLL, César. **Psicologia e Currículo**. 5 ed. São Paulo: Ática. 2003

COSTA, Pedro. **O que é cordel? Literatura do repente**. Teresina: FUNCOR, s.d.

CRUZ, Daniel. **Tudo é Ciências, corpo humano**. 7ª série do ensino fundamental. São Paulo. Editora Ática. 2007.

CRUZ, Gisele Barreto. **Educar em Revista**, nº 29. Curitiba, 2007

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática** – elo entre as tradições e a modernidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **A Era da Consciência**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis. 1987.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Formação de Professores: o Comentarista Crítico e o Animador Cultural**. Disponível em: <http://vello.sites.uol.com.br/formar.htm>> Acesso em: 15 fev. 2009.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa** 7ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

- DIAS, Rosa. Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche. *Impulso*, Piracicaba, v. 12, n. 28, p. 35-42, mar. 2001.
- FARIAS, Carlos Ademir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição oral**. Porto Alegre. Sulinas, 2006.
- FELIPE, Enrique Junior. **A Poesia Épica de Camões: Os Lusíadas**. Disponível em: container2.netsite.com.br/novo_colegio/arquivos/424.doc. Acesso em: 02 de fevereiro de 2009
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Globo** / Francisco Fernández, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. 52. ed. São Paulo: Globo, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Horizonte, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- FLORES, Cláudia Regina. Registros de representação semiótica em matemática: história, epistemologia, aprendizagem. **Bolema**. Ano 19, nº. 26, pp. 77 a 102. Rio Claro. 2006
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. Consciência fonológica: rimas e aliterações no português brasileiro. **Revista Letras de Hoje**, v. 132, p.155 – 170, 2003.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das Normas da ABNT. – 14. ed – Porto Alegre: s.n., 2007.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- JOAMES. **O cordel e o repente por caminhos diferentes**. Teresina: Gráfica e Editora Rima, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**, 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL –Lei Nº. 9394/1996, Brasília

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 1992

MEDEIROS, Eugenio Dantas de. **O ano Mundial da Física e o Papel de Sobral na Teoria da Relatividade**. Sobral. 2005.

MONTEIRO, Manoel; BRITO, Afrânio Gomes de. **Contaram-me e Conto Para Vocês Uma Lenda do Povo Caiapó; A Discussão do Ensino Antigo com o Ensino Moderno**. Campina Grande: s.e, 2001.

_____. **Quem Não Usa Camisinha Ganha Terno de Madeira**. Campina Grande, 2001

MOREIRA, Marcos Antonio. **Pesquisa em Ensino**: Aspectos metodológicos e referencias teóricas à luz do Vê epistemológico de Gowin. São Paulo: EPU, 1990.

MOREIRA, Verônica. **O Canto da Poesia**. Recife. Edições Bagaço. 2006

NEMER, Sylvia Regina Bastos. **A cultura popular nordestina no circuito das rádios comerciais do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 1930 e 2001**. COMPÓS. Belo Horizonte. 2008. Disponível em: www.compos.org.br/data/biblioteca_748. Acesso em: 13 de novembro de 2008.

NÓBREGA, Melo. **Rima e Poesia**. Biblioteca Científica Brasileira. Coleção de Filosofia VI. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Cultura. 1965

PANELAS, Oliveira de, Isaura de melo Souza. **Lugar de criança é na escola**. sd

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RIBEIRO, Pedro Mendes. **Nos Caminhos do Repente**. 2ª ed. Teresina. Alínea. 2006.

_____. **O Piauí na literatura de cordel**. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. Apontamentos para a história cultural do Piauí. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 107 - 126.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Cineas. **ABC da Ecologia**. Teresina, 1999. s/e.

SALES, Allan. **Quem não fuma vive mais**. Recife, 2003. s/e.

SALES, Lorena Braga. **ASTRONOMIA, a Maravilhosa Ciência Celeste..se**.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, maio-jun.-ago. 2003

VIANA, Arievaldo Lima. **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Tupynanquim Editora / Queima Bucha. 2006.

APENDICE



Escolas mais equipadas
A criança tem que ter
Tudo isso apropriado
Ao estudo e ao lazer,
Aprender se divertindo
É mais gostoso aprender.

Criança é pra estar na escola
Com toda inocência sua,
Não pra ser analfabeta
Doente, faminta e nua,
Como fantasma assombrando
Os trasuents da rua.

A criança tem que ter
Educação diferente
Professores desprendidos
Ganhando o suficiente
Ou tudo não passará
De fantasia somente.
(PANELAS, sd)

APENDICE 1 – Entrevistas com poetas populares de Teresina

ENTREVISTADO 1: Raimundo Clementino Neto

Idade: 45 anos.

Escolaridade: Superior completo – Eng. Industrial Elétrico, com especialização em Controle de poluição.

Profissão: Empresário – proprietário da gráfica Rima, e cordelista

Produção: 06(seis) livros publicados, edita o tablóide semanal TERESRIMA

PESQUISADOR: Raimundo Clementino em seu ponto de vista, o que é cultura?

CLEMENTINO: *Cultura é um conceito bem amplo. A cultura eu considero uma maneira de apreciar a arte, podemos apreciar a cultura dentro da arte, tudo que é repassado de geração em geração, que não acaba. A gente morre, e a cultura prossegue, a cultura continua, é algo que você faz, que é difícil de ser feito, e que no final das contas fica uma coisa bonita, fica uma coisa interessante pra quem entende e, de certa maneira, vai tocando aquilo pra frente e aquilo nunca acaba. Isso pode ser em vários aspectos. A cultura pra mim está muito associado à arte, está muito próximo, então em vários segmentos você pode trabalhar nesse sentido.*

PESQUISADOR: Em sua opinião existe diferença entre cultura popular e erudita? Se existe, qual é?

CLEMENTINO: *Eu não sou bem indicado pra falar sobre esse assunto, porque eu acho que a gente deve escrever o que sente, o que vem de dentro, o que foi capaz de criar, o que fica interessante, o que emociona. Agora, se alguém vier depois e eleger que isso aqui é erudito, que isso aqui é clássico, que isso aqui é popular que isso aqui é brega, é problema dele. Esse rótulo eu não observo, eu quero é fazer com que emocione a pessoa, entendeu? A pessoa se emocionar com a mensagem que é transmitida, que você cria, que você faz. o que outro não faz. Agora, quanto à diferença, sinceramente eu não estou preparado pra dizer o que é isso ou aquilo.*

ENTREVISTADO 2: Antonio Raimundo da Silva

Idade: 41 anos

Escolaridade: até a 4ª série do antigo Primário

Profissão: Cantador Repentista

Produção: 06(seis) CDs gravados e 01(um) DVD, participação em mais de 100(cem) festivais de violeiros, com cerca de 30 prêmios ganhos (o entrevistado não soube precisar essas informações)

PESQUISADOR: Antonio Raimundo, na sua visão, o que é cultura?

ANTONIO RAIMUNDO: *Cultura, pra mim, é raízes de todos os seguimentos que a vida pertence, Pode ser desde a música, o trabalho, a própria maneira de conviver com as pessoas. Nesse caso, resumindo, comparando com o nosso dia, tudo é cultura.*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se existe qual é?

ANTONIO RAIMUNDO: *Pra mim, existe, e a diferença é que a cultura popular é a aquela cultura que é praticada ou feita de uma maneira simples ao entendimento das pessoas. Ela é feita com mais arte, eu diria isso, ela é feita com arte que simplifica não diminui o valor do que você*

quer expressar ou fazer mais faz com que a pessoa entenda mais fácil todo o contexto da tal coisa. A erudita, ela se preocupa mais com o linguajar e sem se importar que as pessoas quer dizer, fora que a pessoa até desista, obriga até que as pessoas as vezes tenha preguiça de procurar entender, porque é difícil entender.

ENTREVISTADO 3: Pedro Nonato Costa

Idade: 46 anos

Escolaridade: 5ª série do antigo primário

Profissão: Poeta cordelista

Produção: Cerca de 300 cordéis publicados, 12 livros afins editados, membro vitalício da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, membro efetivo do Conselho Municipal de Cultura de Teresina, membro efetivo do Conselho Estadual de Cultura do Piauí, editor chefe da revista DEREPEENTE.

PESQUISADOR: Pedro, na sua concepção, o que é cultura?

PEDRO COSTA: *Cultura é aquilo que o povo desenvolve e mantém. A cultura, ela não é artificial, ela é uma arte do povo e mantida pelo povo, seja qual for o aspecto cultural. Ela tem suas divisões, mas tudo que o povo faz, até o ato de rezar, continuamente, aquele ato cotidiano é cultura, aquele ato da pessoa ir todo dia buscar água na roça, na cacimba é uma cultura localizada, claro que ela tem que se estender. Cultura é tudo isso, cultura que o povo cria, seja de cunho pedagógico ou natural, ela é cultura transformada para o cotidiano.*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se existe, qual é?

PEDRO COSTA: *A diferença está no conceito de cada um, de cada pessoa., Os acadêmicos acham que a cultura erudita é a principal, enquanto isso a cultura erudita não se sobressai sem a cultura popular. Agora a cultura popular se sobressai sozinha, sem precisar de ninguém pegar ou entregar boleto pra ela.*

ENTREVISTADO 4: Sebastião da Cruz Silva Evangelista

Idade: 45 anos

Escolaridade: Ensino Médio completo

Profissão: Poeta cordelista

Produção: 10(dez) cordéis e 8(oito) livros publicados

PESQUISADOR: Sebastião, na sua visão, o que é cultura?

SEBASTIÃO EVANGELISTA: *A cultura é o conhecimento transmitido por gerações em gerações.*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim qual é?

SEBASTIÃO EVANGELISTA: *A diferença é tamanha porque a cultura erudita é muito rebuscada. O poeta faz seus trabalhos aprimorando vocabularmente, e a popular, não a popular, ela é mais espontânea, a gente pode criar para o povão entender.*

ENTREVISTADO 5: José de Moura e Silva (Zé Viola)

Idade: 44 anos

Escolaridade: Nunca foi à escola, aprendeu a ler e escrever com o pai.

Produção: 01(um) CD solo, 3(três) CDs em parceria, mais de cinquenta participações em coletâneas, cerca de 400 festivais de viola, sendo 180 primeiros lugares.

PESQUISADOR: Zé Viola, na sua concepção, o que é cultura?

ZÉ VIOLA: *Na minha concepção, cultura é os costumes. Tudo aquilo que é costume, que é a tradição, que é relacionado a uma região, a um povo trata-se de cultura, seja ela qual for, porque o que mexe realmente no sentimento é aquilo que nos agrada e tudo que faz parte dos nossos costumes por comum nos agrada as nossas tradições com relação a música, com relação a danças brincadeiras, enfim, então pra mim a grande cultura é esta: preservar os seus costumes desde que, claro, sejam costumes que não ofendam a si próprio e nem a ninguém.*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim, qual ou quais?

ZÉ VIOLA: *Não consigo definir. Esse negócio de cultura popular eu nem sei quem foi que inventou. Cultura é cultura, é a nossa cultura, e cada um que diga a nossa cultura, cultura erudita, cultura popular. Eu também já fiz essa mesma pergunta porque cultura popular então eu não sei qual é a diferença. Pra mim definir se tem cultura popular se, tem erudita, por que cultura erudita ou popular, não sei.*

ENTREVISTADO 6: Juarez de Lima

Idade: 64 anos

Escolaridade: 2ª série do antigo primário

Profissão: Cantador repentista e radialista

Produção: 03(três) CDs, 02(dois) DVDs, cerca de 50 festivais, sendo premiado 11 vezes.

PESQUISADOR: Seu Juarez, o que é cultura em seu ponto de vista?

JUAREZ: *Cultura é poesia, é carnaval, é bumba-meu-boi, né? É tudo isso aí é cultura, pra mim cultura está em 1º lugar de todas as artes desse país, a cultura é livre*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita?

JUAREZ: *Rapaz, eu acredito que possa existir pra umas pessoas, porque a cultura popular é essa que a gente entende né? E essa outra muita gente não entende, não sabe o que significa. Estou certo ou estou errado?*

ENTREVISTADO 7: Joaquim Mendes Sobrinho (Joames)

Idade: 57 anos

Escolaridade: Ensino Médio.

Profissão: Poeta cordelista e consertador de fogão.

Produção: 10(dez) cordéis e 05(cinco) livros sobre o tema.

PESQUISADOR: Joames, em seu ponto de vista, o que é cultura?

JOAMES: *Cultura é tudo aquilo que faz com que o povo de uma região, de um estado, de um país se desenvolva, trazendo benefícios, trazendo mais facilidade para a comunicação, para a convivência de toda sociedade.*

PESQUISADOR: Poeta Joames, existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim qual é?

JOAMES: *A diferença que pode existir é apenas de, digamos assim, de nível cultural, mas eu não considero que haja grande diferença, porque nós não podemos traçar um nível para dividir, ou seja, um paralelo que divida essas duas culturas, porque, quando a cultura popular vai se evoluindo, poderá se tornar erudita, que é o caso de muitos estudiosos tão fazendo hoje, estão trabalhando a literatura popular*

mais aprimorada, e ela chega a ser classificada como cultura quase que erudita enquanto que a erudita, quando for integrada, também ela vem baixando de nível e se transforma em popular também.

ENTREVISTADO 8: Raimundo Batista Maia (Edvaldo Guerreiro)

Idade: 67 anos

Escolaridade: 2º ano do antigo Primário

Profissão: Recepcionista aposentado do palácio episcopal, cantador repentista e poeta cordelista.

Produção: 30 cordéis, cerca de trinta festivais de cantoria.

PESQUISADOR: Seu Edivaldo, na sua visão, o que é cultura?

EDIVALDO GUERREIRO: *Eu considero cultura tudo aquilo que a gente escreve e trabalha, que seja no artesanato, que seja na arte trabalhada, versada do improviso, eu acho que é isso que é cultura*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim, qual seria a diferença?

EDIVALDO GUERREIRO: *Eu acho que existe a diferença na questão do popular ser mais claro, é mais fácil da pessoa compreender.*

ENTREVISTADO 9: Jose Bezerra de Carvalho

Idade: 79 anos

Escolaridade: Nunca foi à escola. Aprendeu a ler e a escrever perguntando aos outros.

Profissão: Policial militar reformado, poeta cordelista, mantém casa por ele chamada de A Biblioteca do Cordel, local de comercialização de sua produção.

Produção: 8 livros em prosa ou em versos e 56 folhetos de cordel publicados

PESQUISADOR: Senhor Zé Bezerra, na sua concepção o que é cultura?

ZÉ BEZERRA *A Cultura é o ensinamento do povo, é aquilo que se aprende e que já nasce também com ela, porque eu sempre gosto de dizer: eu sou o poeta calado / que sua voz não levanta / quero cantar mas não posso / a voz ecoa na garganta / mas gosto da poesia / porque pra mim ela é santa / de deus recebi o dom / a graça de escrever / exercício de escrever historia / e algum saber porque / do céu me veio luz / enviada por Jesus / essa força de saber*

PESQUISADOR Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se existe qual é?

ZÉ BEZERRA: *Existe, porque a erudita é aquela dos grandes professores, dos grandes mestres, que estudaram as ciências, as letras e tudo, e o cordel popular é a que nasce do povão, por exemplo, eu conheço um cara que nunca estudou e faz repente mais ligeiro do que todo mundo e nunca foi em escola não, é, então, ela tem essa diferença: uma é a ciência das letras, e a outra é a ciência dada pelo próprio Deus.*

ENTREVISTADO 10: Raimundo Nonato Gomes (Raimundo Brito)

Idade: 46 anos

Escolaridade: 6ª série do antigo Ginásial

Profissão: Cantador repentista

Produção: 3(três) CDs, 01(um) DVD, participação em 40 festivais de violeiros ganhando 10 troféus.

PESQUISADOR: Raimundo, na sua visão, o que é cultura?

RAIMUNDO BRITO: *Cultura, de modo geral, é tudo aquilo, né, que as pessoas fazem, dizem e pensam e costumam preservar. Essa é minha visão do que é cultura de modo geral*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se existe qual é?

RAIMUNDO BRITO: *Na minha opinião não, pra mim cultura é cultura, não tem mais cultura nem menos cultura, essa é minha opinião.*

ENTREVISTADO 11: José Barbosa de Souza

Idade: 77 anos

Escolaridade: 1ª série do antigo Primário

Profissão: Cordelista e poeta repentista

Produção: 07(sete) cordéis, 3(livros) 02(dois) cds, participação em mais de 100(cem) festivais com 8 troféus conquistados.

PESQUISADOR: Zé Barbosa, em sua opinião, o que é cultura?

ZÉ BARBOSA: *Cultura, falando da cultura popular, literatura de cordel são histórias dos poetas, escritores regindo vários assuntos da cultura, né, essas coisas*

PESQUISADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se sim qual é a diferença?

ZÉ BARBOSA: *Eu acho que existe, porque a cultura popular é mais fácil entender, para quem tem mais pouca cultura é melhor porque a história é mais versada, explicada. A outra dificulta mais para quem tem menos estudo.*

ENTREVISTADO 12: ZÓZIMO TAVARES

Idade: 45 anos

Escolaridade: superior em letras português. Duas especializações; Comunicação e marketing e Lingüística.

Profissão: Jornalista, professor e escritor. Atualmente é o editor chefe do jornal Diário do Povo.

Produção: 10 livros editados e 10 cordéis publicados. É membro da Academia Piauiense de Letras, da Academia de Letras do Médio Parnaíba e da União Brasileira de Escritores.

PESQUISADOR: Zózimo Tavares, em sua opinião, o que é cultura?

ZÓZIMO: *Cultura é aquilo que cada um bem apreende, no seu fazer e do fazer dos que lhe antecederam.*

PESQUIZADOR: Existe diferença entre cultura popular e cultura erudita? Se existe, qual é?

ZÓZIMO: *A diferença está no consumo e na forma de produção. Cada qual tem sua peculiaridade, mas eu acho que a diferença básica está no consumo, as platéias os públicos são distintos.*

APENDICE 2 - Questões da entrevista com os estudantes**QUESTÕES**

1-VC JÁ TEVE CONTATO COM A LITERATURA DE CORDEL?

2-O QUE VC JÁ OUVIU FALAR SOBRE LITERATURA DE CORDEL?

3-VC JÁ ASSISTIU AULAS EM QUE O PROFESSOR UTILIZAVA LITERATURA DE CORDEL?

3-VC JÁ TINHA ESTUDADO COMENTE SUA EXPERIENCIA?

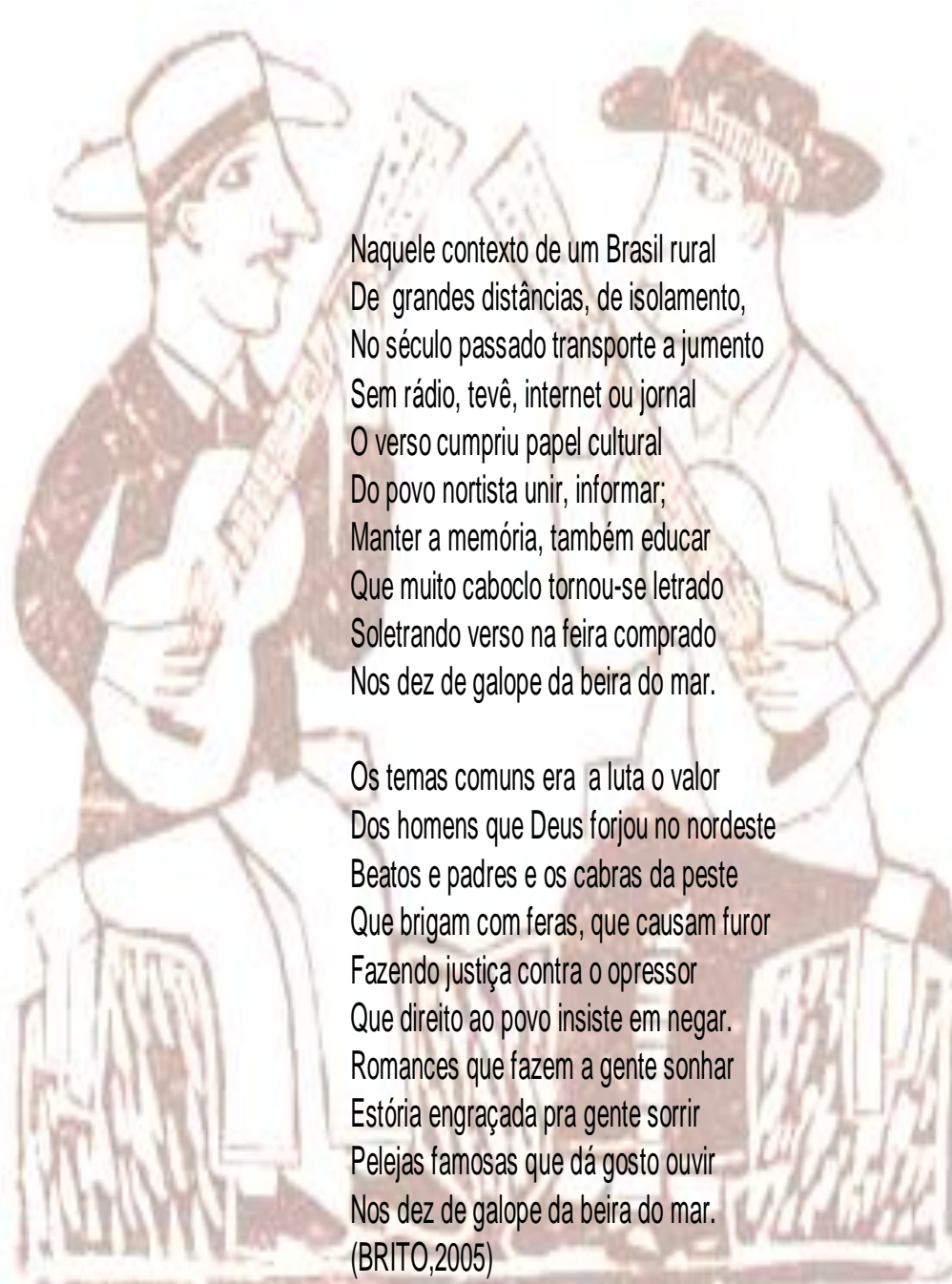
4-SE RESPOSTA FOR SIM, DE QUE MANEIRA E QUANDO?

5-O QUE VC ACHOU DE ESTUDAR SISTEMA EXCRETOR USANDO O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO?

6-O QUE VC ACHOU DA AULA DADA COM LITERATURA DE CORDEL?

7-FAÇA UMA COMPARAÇÃO ENTRE UMA AULA COM CORDEL E UMA OUTRA TRADICIONA?

ANEXOS



Naquele contexto de um Brasil rural
De grandes distâncias, de isolamento,
No século passado transporte a jumento
Sem rádio, tevê, internet ou jornal
O verso cumpriu papel cultural
Do povo nortista unir, informar;
Manter a memória, também educar
Que muito caboclo tornou-se letrado
Soletrando verso na feira comprado
Nos dez de galope da beira do mar.

Os temas comuns era a luta o valor
Dos homens que Deus forjou no nordeste
Beatos e padres e os cabras da peste
Que brigam com feras, que causam furor
Fazendo justiça contra o opressor
Que direito ao povo insiste em negar.
Romances que fazem a gente sonhar
Estória engraçada pra gente sorrir
Pelejas famosas que dá gosto ouvir
Nos dez de galope da beira do mar.
(BRITO,2005)

ANEXO 1 – Texto versificado, sobre o aparelho excretor, pelo Poeta Pedro Costa.

O ORGANISMO HUMANO
A INSUFICIENCIA RENAL
EM LITERATURA DE CORDEL
AUTOR: PEDRO COSTA

Para evitar problema
Tem que estar conscientizado
De seu sistema urinário
Tenha sempre esse cuidado
Tomando bastante água
Mantenha o corpo hidratado.

Água e outros nutrientes
Substâncias essenciais
Tem que ser absorvidas
Pôs o organismo é capaz
De eliminar os resíduos
Que são prejudiciais.

Pra ter um equilíbrio interno
O organismo elimina
O gás carbônico e uréia,
Tudo que lhe contamina
Dispensar o ácido úrico
E purificar a urina,

O corpo humano precisa
De estar em manutenção
Mas vale lembrar também
Dizer que as excretas são
Resíduos das reações químicas
Produtos de excreção

As fezes não são excretas
Nos termos constituídos
São restos de alimentos
Que não foram digeridos
O organismo absorve
Deixando os órgãos nutridos

Constitui –se pelos rins
Substância descartada
Por ele forma a urina
Depois é eliminada

Pela via urinaria
Para fora é dispensada.

Veja como funciona
O Sistema urinário
O Sangue leva a substancia
De um modo extraordinário
Vai alimentar as células
Tudo que for necessário.

O corpo possui um filtro
Que na passagem retém
As impurezas do sangue
E as substancias que vem
Circular pelo organismo
Tem que funcionar bem.

Os rins para organismo
Tem sido fundamental
Esses dois órgãos que ficam
Na parte abdominal
Funcionando lada-a-lado
Da coluna vertebral

Cada um tem um formato
De um caroço de feijão,
Cada um dos rins recebe
Toda ramificação
Da artéria renal que leva
O sangue pro coração.

Ureteres são dois tubos
Que serve pra transportar
A urina dos rins a bexiga
De modo espetacular
Semelhante ao formato
De uma bolsa muscular.

Ramificações tão finas

Que vem da artéria renal
Os capilares que trazem
O Sangue arterial
E formam uns amaranhados
Mas de um modo especial.

Parecidos com novelos
De lã que vamos chamar
Por nome de Glomérulas
Para melhor explicar
Tem estrutura arredondada
A Cápsula glomérular.

Nefron é tubo renal
Que garante a filtração
Do sangue e em cada rim
Cada rim tem um milhão
De Néfrons que precisam
Funcionar pela pressão.

A veia e artéria renal
Nos seus devidos lugares
Unem o ducto coletor
E as cápsulas similares
São Elas que levam o sangue
Direto pros capilares.

Juntos formam um conjunto
De modo espetacular
Formam os glomérulos que cai
Na cápsula glomérular
Passa pra o tubo renal
Pra bem o rim funcionar.

As substancias contidas
Nesses líquidos filtrados
Água, glicose e sais
Minerais são bobinados,
Retomam o circulo do sangue
Pra os rins não ser afetados.

Com a circulação sanguínea
Resta nos tubos apenas
Água, uréia, ácido úrico,
Em quantidades pequenas
Amônia é a urina
Segue de formas serenas.

Quando o organismo retém
De um modo parcial
A água e outros resíduos
A insuficiência renal
Desequilibra a saúde
Para muitos é fatal.

Que com os rins afetados
Eles podem até parar
Os resíduos celulares
Precisa se eliminar
É fazendo hemodiálise
A Forma de se tratar.

As partículas em excesso
Devem ser eliminadas
De dentro do organismo
Em sessões realizadas
Até vezes por semanas
Nas pessoas necessitadas.

Os resíduos retirados
Retorna a circulação
Depois de limpar o sangue
Pode ser a solução
Do paciente renal
Viver sem complicação.

O rim artificial
Criado pelo holandês
Mil novecentos e quarenta
Doutor Willem Kolff fez
Pra amenizar o problema
Da saúde em escassez

Sem sucesso a hemodiálise
Torna-se o caso agravante
Remédio não susta efeito
Mesmo tomando constante
Sua única solução
É passar por um transplante.

Casos de transplante de rim
São muitos constrangedores
Um dos motivos maiores
Não existem doadores
Para atender a todos

Causando suspense e dores.
O paciente renal
Sofre de certa maneira
Que os remédios contínuos
Deixa o corpo com cansa
Causa anemia e diabetes
Hipertensão e cegueira.

Eu peço a Deus toda hora
Coragem, saúde, e sorte.
Coragem pra trabalhar,
Saúde me mantém forte.
Sorte livrar das doenças,
Que aceleram a minha morte

ANEXO 2 – Teste de avaliação de conhecimento realizado pelos alunos.

ISNSTITUTO ANTOINE LAVOISIER DE ENSINO
 PROFESSORA: VANIA TORRES
 EXERCÍCIO DE CIÊNCIAS DA 7ª SÈRIE

ALUNO(A): _____ N°: _____

Com base em nossas aulas sobre a excreção e o sistema urinário, responda às questões propostas:

1. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:
 “Para ter um equilíbrio interno, o organismo elimina o _____ e a _____, tudo que lhe contamina, dispensar o _____ e formar a urina.”
 - a) Gás carbônico/ uréia/ ácido úrico.
 - b) Gás oxigênio/ uréia e ácido úrico.
 - c) Gás carbônico/glicose/ cloreto de sódio.
 - d) Gás oxigênio/ glicose/ amônia.

2. O corpo humano precisa estar em manutenção, mas vale lembrar também, dizer que os excretas são:
 - a) Obtidos a partir do alimento.
 - b) Restos de alimento que não foram digeridos.
 - c) Resíduos das reações químicas.
 - d) Substâncias contidas apenas na urina.

3. Os rins para o organismo têm papel fundamental, esses dois órgãos que ficam na (o):
 - a) Região torácica, à frente da coluna vertebral.
 - b) Cavidade abdominal, a cada lado da coluna vertebral.
 - c) Cavidade pélvica, a cada lado da coluna vertebral.
 - d) Cavidade abdominal, à frente da coluna vertebral.

4. Ureteres são dois tubos que servem para transportar:
 - a) A urina da uretra à bexiga.
 - b) A urina da bexiga à uretra.
 - c) A urina dos rins ao meio externo.
 - d) A urina dos rins à bexiga.

5. Leia:
 “Ramificações tão finas que vem da artéria renal, os capilares que trazem o sangue arterial e formam emaranhado de forma especial.”
 _ A descrição acima se refere à (ao):
 - a) Uréter.
 - b) Cápsula glomerular
 - c) Glomérulo
 - d) Túbulo renal.

6. Túbulo renal que garante a filtração do sangue em cada rim, presente em um milhão é o (a):

- a) Artéria renal.
- b) Néfron.
- c) Veia renal.
- d) Glomérulo.

7. Cada néfron é formado por um conjunto de tubos e capilares. Estes capilares formam:

- a) Os glomérulos envolvidos pela cápsula glomerular.
- b) A cápsula glomerular que recebe o filtrado dos glomérulos.
- c) O tubo ou ducto renal onde ocorre a reabsorção renal.
- d) A uretra, responsável pela eliminação da urina.

8. Que substâncias, contidas nos líquidos filtrados, atravessam a parede do túbulo renal e retornam à corrente sanguínea?

- a) Glicose, parte da água e sais minerais.
- b) Uréia, amônia e ácido úrico.
- c) Sais minerais, uréia e ácido úrico.
- d) Gás carbônico, parte da água e sais minerais.

9. Das substâncias citadas abaixo, quais delas restam nos túbulos renais após a reabsorção renal?

- a) Glicose, vitaminas, sais minerais e amônia.
- b) Água, sais minerais, uréia e ácido úrico.
- c) Aminoácidos, água, glicose e vitaminas.
- d) Água, gás carbônico, sais minerais e uréia.

10. Os rins podem ser afetados por doenças que os fazem parar de funcionar, ocasionando a insuficiência renal. Considere os itens abaixo, relacionados ao tratamento de pacientes com problemas renais.

- I. Se os rins param de funcionar, é necessário fazer a hemodiálise em sessões realizadas até vezes por semana.
- II. Caso a hemodiálise não tenha sucesso, não existe solução.
- III. Os remédios usados pelo paciente renal têm efeito colateral, anemia, diabetes hipertensão e cegueira.
- IV. O rim artificial (equipamento usado na hemodiálise) foi criado pelo médico Willem Kolff, na década de 1940, na Holanda.

Quais estão corretos?

- a) Todos os itens mencionados acima.
- b) Apenas os itens II e III.
- c) Apenas os itens I III e IV.
- d) Apenas os itens I e IV.

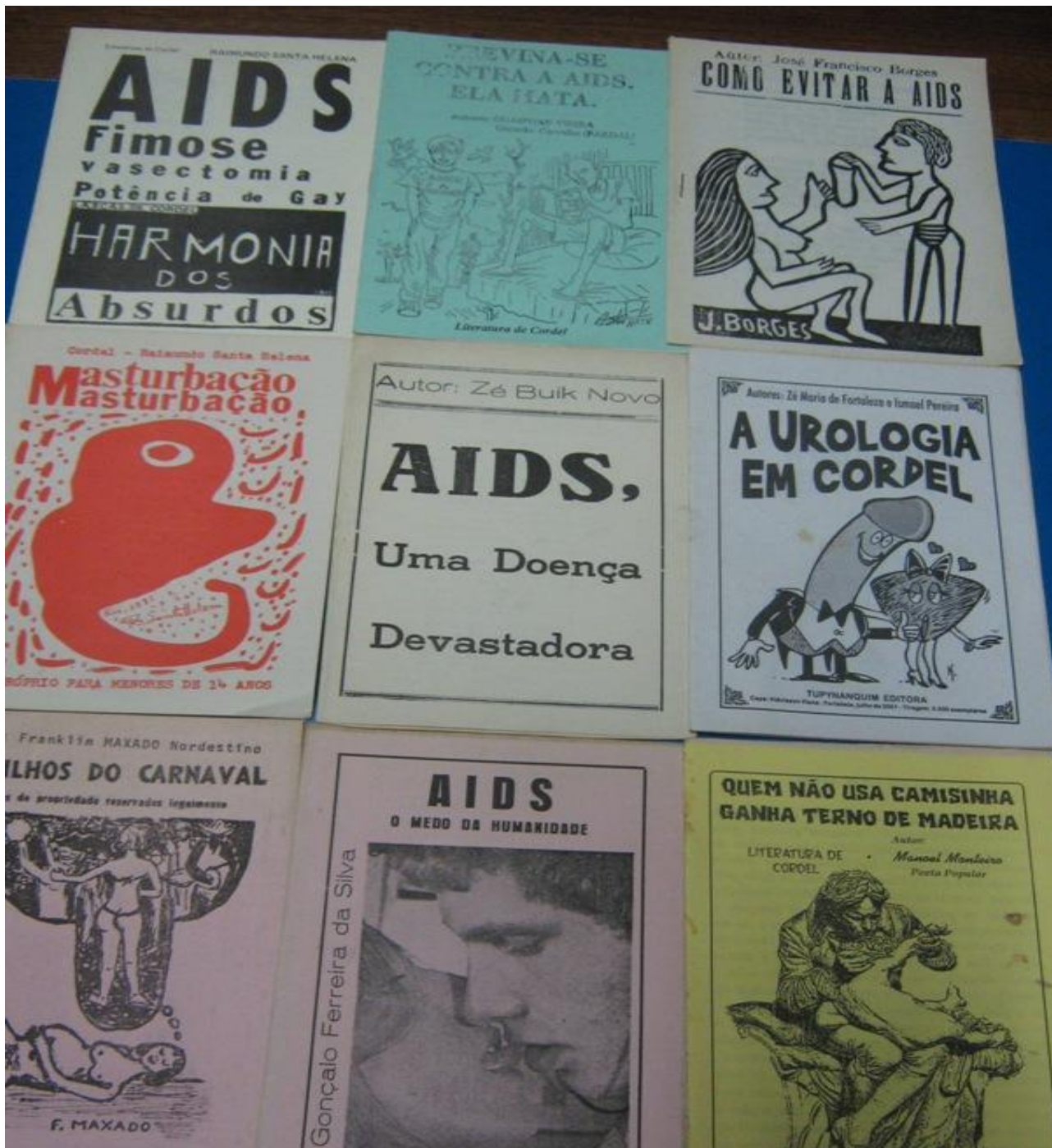
ANEXO 3 – Modalidades de rimas

De acordo com Viana (2006, p. 95- 98) existem uma variedade de rimas possíveis de serem utilizadas pela cultura popular brasileira, a saber:

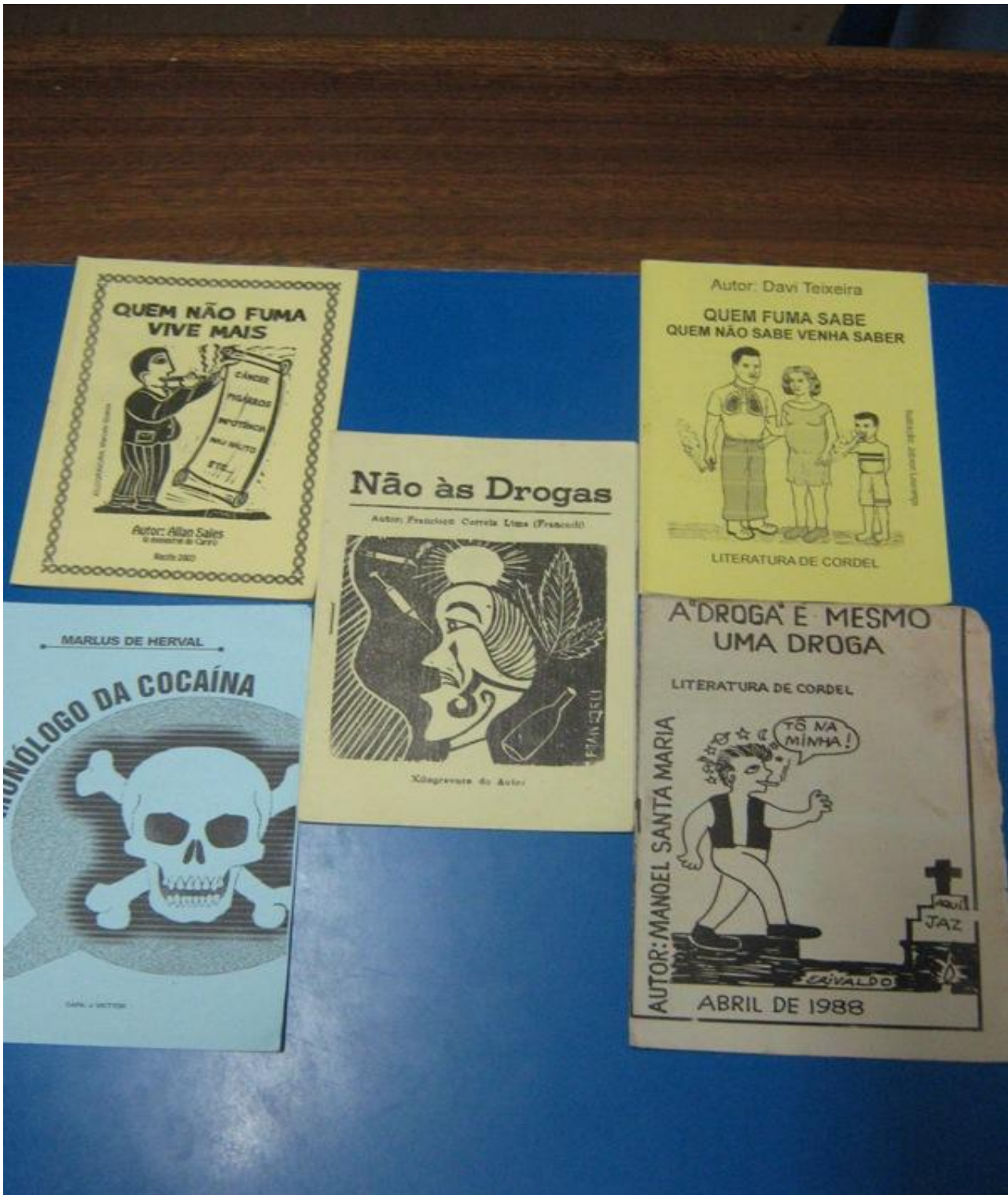
MODALIDADE		Nº. DE VERSOS	Nº DE SÍLABAS
01	A mata foi abaixo	quatorze	sete
02	A-B-C	quatro, seis, dez	variável
03	As coisas que gosto de fazer	dez	dez
04	Ave-Maria	quatro	variável
05	Balança o remo, meu amor	treze	Variável
06	Beira-mar mourão	quinze	sete
07	Boi da Cajarana ou No Pé da Cajarana	dez	variável
08	Brasil Caboclo	dez	sete
09	Comigo o rojão é quente	dez	sete
10	Como passo sem dinheiro	dez	sete
11	Coqueiro da Bahia	doze	variável
12	Decassílabo em sete linhas	sete	dez
13	Décima	dez	sete
14	Décima corrida ou Desmancha	dez	sete
15	Décima Fechada	dez	sete
16	Dez de Queixo-caído	dez	sete
17	Dez pés quadrão	dez	sete
18	Dezoito linhas	dezoito	variável
19	Eu sou melhor do que tu	dez	sete
20	Eu sou muito melhor do que você	dez	dez
21	Falta um boi vaqueiro	dez	sete
22	Gabinete	sete	variável
23	Gabinete renovado	doze	variável
24	Galope à beira-mar	dez	onze
25	Galope Alagoano ou Martelo Alagoano	dez	dez
26	Galope Miudinho ou Carretilha	dez	dez
27	Gemedeira	seis	sete
28	Gemer de dois	dez	sete
29	Glosa	variável	sete
30	Lei da Vaquejada	doze	sete
31	Ligeira	quatro	sete
32	Louvação ou Elogios	seis	sete
33	Martelo Agalopado	dez	dez
34	Martelo de seis pés ou Sextilha Agalopada	seis	dez
35	Martelo Malcriado	dez	dez
36	Me responda cantador	dez	sete
37	Meia quadra	dez	quinze
38	Mote	variável	variável
39	Mourão caído ou Você cai	doze	sete
40	Mourão de cinco linhas	cinco	sete

41	Mourão de pé quebrado	quatro	sete
42	Mourão de seis linhas	seis	sete
43	Mourão de sete linhas	sete	sete
44	Mourão Perguntado	treze	sete
45	Mourão Quebradinho	oito	variável
46	Mourão Respondido	dez	sete
47	Mourão Trocado	sete	sete
48	Mourão Voltado	dez	sete
49	Mulher Rendeira	quatorze	variável
50	Não há lugar igual aqui	onze	variável
51	No tempo de Pai Tomás	dez	variável
52	Nove palavras por seis	quatorze	variável
53	Nove palavras por três	doze	sete
54	O Cantador de vocês ou Treze por doze	doze	variável
55	Oh! Lua tem dó de mim	dez	sete
56	O que me falta fazer mais?	dez	dez
57	Oitava Antiga	oito	sete
58	Oitava em decassílabo	oito	dez
59	Oitavão rebatido	oito	sete
60	Oito a quadrão	oito	sete
61	Parcela	dez	quatro e cinco
62	Pássaro preto é anum	dez	sete
63	Pé-quebrado	quatro	variável
64	Pelo Sinal	quatro	variável
65	Quadra ou Trova	quatro	sete
66	Quadrão à beira-mar	doze	sete
67	Quadrão Alagoano	oito	sete
68	Quadrão de fôlego cortado	oito	sete
69	Quadrão de meia quadra	dezesseis	sete
70	Quadrão Grande ou Quadrão Vai e Vem	oito	doze
71	Quadrão Mineiro	oito	doze
72	Quadrão Paraibano	oito	sete
73	Quadrão Perguntado	dez	sete
74	Quer ir conosco, vamos	doze	variável
75	Quintilha	cinco	sete
76	Rojão Pernambucano	dez	sete
77	Sextilhas	seis	sete
78	Soletrado	dez	quatro
79	Tabuada	dez	sete
80	Toada Alagoana	nove	sete e três
81	Toada de sete linhas	sete	sete
82	Trava-língua ou Quebra-cabeça	seis	sete
83	Tudo eu sei, ninguém me ensina	dez	sete
84	Vamos vaqueiro campear	doze	sete
85	Você não sabe de nada	dez	sete

ANEXO 4 – Cordéis sobre DSTs e sexualidade.



ANEXO 5 – Cordéis sobre drogas.



ANEXO 6 – Cordéis sobre meio ambiente.



ANEXO 7 – Cordéis sobre Astronomia.



ANEXO 8 – Cordéis Biográficos.



ANEXO 9 – Cordéis de Pedro Costa



ANEXO 10 – Revista Derepente.



ANEXO 11 – Cordéis em revistas nacionais.



ANEXO 12 – Parecer do membro da banca de avaliação Professor Dr. Ubiratan D’Ambrósio

**UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
ULBRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
PARECER SOBRE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

CANDIDATO: Wilson Seraine da Silva Filho

ORIENTADOR: Dr. Renato Pires dos Santos

TÍTULO: O uso da Literatura de Cordel como texto auxiliar no Ensino de Ciências do Ensino Fundamental da Educação Básica: Uma abordagem quantitativa.

AVALIADOR: Dr. Ubiratan D’Ambrosio

DATA: 30 de abril de 2009.

PARECER:

O objetivo do trabalho é mostrar como a Literatura de Cordel pode ser um importante auxiliar no Ensino de Ciências no Ensino Fundamental. A dissertação está muito bem escrita e belissimamente ilustrada. Não se trata apenas de falar sobre cordel, mas o autor incorpora, efetivamente, a linguagem do cordel à sua exposição acadêmica. Isto é de uma originalidade notável. Faz-me lembrar um importante projeto denominado REPOhistory: *repossessing history*, feito por um grupo de artistas e de educadores produzindo ciência para o povo, baseada em leituras multiculturais de narrativas perdidas, esquecidas ou eliminadas. Os assuntos abordados são de interesse atual, como AIDS, tema também favorecido nesta dissertação. De fato, o Ensino de Ciências nas escolas, particularmente no Ensino Fundamental, tem como maior objetivo criar uma atitude científica, entre os jovens, para analisar e explicar situações correntes no seu cotidiano. A linguagem acadêmica, praticada pelos professores e livros didáticos é, muitas vezes, intimidadora e afasta o estudante do objetivo da lição. A linguagem popular do cordel, já integrada ao processo cognitivo das crianças, facilita a transmissão de novas idéias.

A dissertação é bem organizada. Com muita originalidade, o autor divide o trabalho não em capítulos, mas em cordéis. São 5 cordéis. O Cordel de Introdução é uma motivação para o tema. Nessa introdução, o autor faz uma exposição muito equilibrada sobre as razões pelas quais a incorporação de elementos da cultura popular deve ser utilizada como estratégia para o ensino. Faz referência a conhecidos autores e à legislação vigente. O mais notável é que, auxiliado pelo conhecido poeta Pedro Costa, coloca seu texto na forma de cordel. Assim, o leitor familiariza-se com o estilo de redação do autor. Isto pode ser considerado um exemplo da utilização da cultura popular, neste caso a literatura de cordel, na narrativa acadêmica.

O Cordel I faz uma revisão bibliográfica sobre o conceito de prática docente e sobre cultura popular, com especial referência à literatura de cordel. Faz um esboço teórico do que é o cordel, discutindo suas origens, sua métrica e sua rima. Rico em citações e

bem ilustrado com a própria literatura de cordel, este capítulo é muito importante para o prosseguimento da dissertação. O próximo capítulo, Cordel II, trata da Metodologia da Pesquisa, que foi realizada na 7ª série do Ensino Fundamental de uma escola particular de classe média, o Instituto Antoine Lavoisier de Ensino, localizada em Teresina, Piauí. Acho que a seção 1.2.2.1 e parte do 1.2.2.2 do Cordel I ficariam melhor situadas neste Cordel II. O Cordel III trata dos Resultados da Pesquisa. Obtém dados quantitativos e dados qualitativos que justificam plenamente a adoção da estratégia proposta pelo autor para o Ensino de Ciências. A Conclusão, que está na forma de um Cordel de Encerramento, é um excelente texto, tanto como conteúdo quanto como opção de narrativa.

A dissertação é completada com uma Bibliografia muito rica, mostrando que o candidato familiarizou-se com a literatura atualizada e relevante para sua área de pesquisa. Ainda conta com dois Apêndices, com textos de entrevistas com poetas populares de Teresina e as questões das entrevistas com os alunos. Conta ainda com onze Anexos. O primeiro com um cordel sobre o aparelho excretor humano e seus possíveis distúrbios, escrito pelo poeta Pedro Costa, uma verdadeira aula de Biologia para Saúde. O segundo mostra como foi o teste de avaliação de conhecimento dos alunos. O Anexo 3 dá uma tabela com as modalidades de rimas. E os belíssimos anexos de 4 a 11 dão uma coleção de capas de folhetins e revistas.

Destaco quão adequada é a apresentação deste trabalho num Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, que já é reconhecido como dos mais importantes do país. A feliz iniciativa da ULBRA de instituir tal programa é louvável. Programas exclusivamente de Ensino de Ciências e de Ensino de Matemática caminham, rapidamente, para a obsolescência, tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação. Mais e mais a Matemática e as Ciências se aproximam na academia, refletindo a aproximação, na verdade uma quase identificação, entre ambas na evolução histórica do conhecimento, bem como nas práticas cotidianas. Vejo no futuro, uma integração dos ensinamentos de Ciências e Matemática nos três graus de ensino. A presente dissertação é um exemplo dessa integração.

Pesquisas como esta são da maior importância, pois mostram que é possível fazer um Ensino de Ciências e Matemática e, por que não, de todas as disciplinas do currículo, de uma maneira viva, não traumatizante, espontânea e ligada ao fazer cotidiano. A Ciência e a Matemática vivas, desmistificadas, estão explícitas na linguagem, expressa, por exemplo, na Literatura de Cordel. Isto sugere outras pesquisas explorando outras formas de cultura popular, como a pintura, o artesanato, a música, a dança. Esta dissertação é exemplar sobre como tais pesquisas podem ser desenvolvidas. Parabéns ao candidato, e também seu orientador, pela feliz escolha do tema, bem como pela excelente apresentação dos resultados da pesquisa. A redação está leve e mesmo adotando uma narrativa pouco comum nos trabalhos acadêmicos, que é a poesia da literatura de cordel, o faz sem prejuízo do rigor e da precisão requeridos numa dissertação.

JULGAMENTO FINAL: Aprovo a Dissertação de Mestrado de **Wilson Seraine da Silva Filho**, atribuindo ao candidato nota máxima (A ou 10,0), de acordo com o Regulamento do Programa de Pós Graduação. Inclusive recomendo as menções (Distinção e Louvor), caso sejam previstas no Regulamento.

Recomendo a publicação da dissertação que é, inegavelmente, uma valiosa contribuição à área de Ensino de Ciências e Matemática.

30 de abril de 2009

Ubiratan D'Ambrosio